

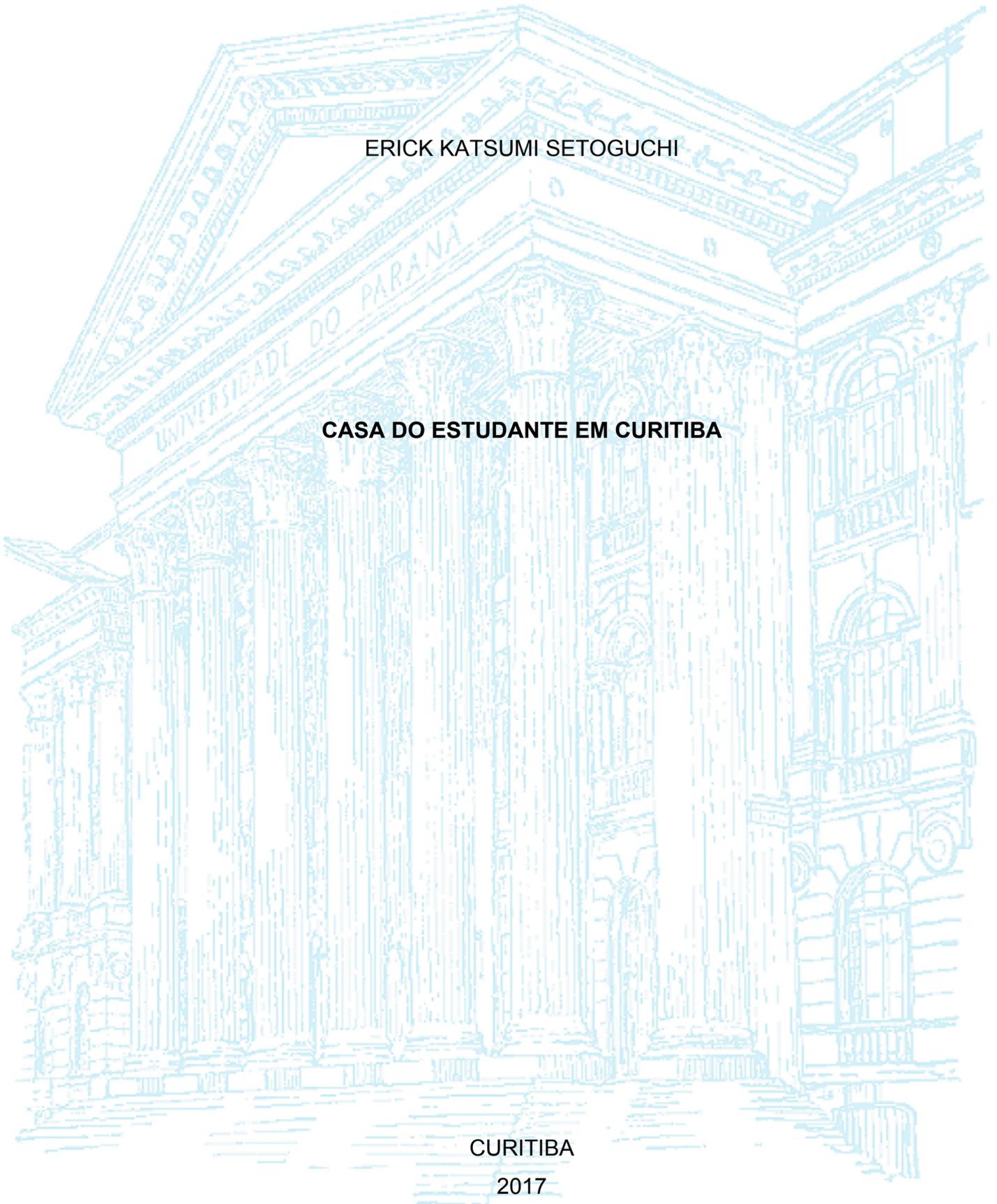
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ERICK KATSUMI SETOGUCHI

CASA DO ESTUDANTE EM CURITIBA

CURITIBA

2017



ERICK KATSUMI SETOGUCHI

CASA DO ESTUDANTE EM CURITIBA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Arquiteta e Urbanista, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná.

Prof. Silvio Parucker

CURITIBA

2017

Para aqueles que sem os quais eu nada seria.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Nelson e Lenita, por terem colocado a minha educação acima de tudo e por terem escolhido o amor como forma de educar.

Às minhas irmãs, Larissa e Thais, pela amizade e companheirismo verdadeiros, pela paciência e compreensão inesgotáveis e pelo ombro amigo nas horas de fraqueza.

Aos meus amigos do mundo inteiro, por ensinarem, cada um do seu jeito, que o sorriso seguido da risada é a melhor maneira de espantar meus medos e inseguranças.

Ao professor Silvio Parucker, pela dedicação, pela confiança que depositou em mim, pelas histórias inspiradoras e pela amizade.

Aos alunos entrevistados, pela simpatia e paciência ao longo das extensas conversas, cheias de indagações.

“Quem disse que eu me mudei?
Não importa que a tenham demolido:
A gente continua morando na velha casa em que nasceu.”

Mario Quintana

RESUMO

O presente trabalho – pesquisa de caráter científico-explicativo – teve como objetivo explorar a temática de moradia estudantil universitária, abordando o histórico de seu surgimento em contexto internacional e nacional. Foram estudados exemplos correlatos existentes que fossem relevantes para a construção de um acervo pessoal e que elucidassem a dinâmica particular deste tipo de habitação, seguidos de uma análise do espaço que receberá a intervenção, que se restringe ao bairro Rebouças. Buscou-se como produto final deste trabalho a elaboração de um programa de necessidades condizente com a realidade do bairro em que o terreno escolhido se encontra, para o desenvolvimento de um anteprojeto na seguinte etapa do Trabalho Final de Graduação sobre a tipologia estudada. O desenvolvimento do anteprojeto de uma moradia estudantil leva em consideração a necessidade de suprir parte da demanda de habitação para alunos provenientes de outras cidades, além de fornecer espaços de uso compartilhado entre os moradores e a comunidade externa, a fim de trazer nova dinâmica a uma região caracterizada pela predominância de construções e lotes subutilizados, mas que concentra grande parte das instituições de ensino superior de Curitiba.

ABSTRACT

This scientific research aimed to explore the student housing issue, by addressing its appearance historical background, both in international and national scenarios. Related examples of student housing buildings were surveyed to be part of the author's personal acquis and to emphasise the distinct trend of this kind of housing, followed by an analysys of the intervation site and its surrounded areas, inside the limits of Rebouças district. The study's bottom line was the conception of a design guideline capable of merging with the district features and needs, to support the project process on the next phase of the Graduation Final Work. The design of the student housing project took into account the necessity of a place to shelter students from other cities and to promote interection with the community, in order to bring a new dynamics to the region, which is known for concentrating underused lots and buildings, but still to be the center of many universities of Curitiba.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 O TEMA	9
1.2 OBJETIVOS	9
1.2.1 Objetivo Geral	9
1.3 JUSTIFICATIVA	10
1.4 METODOLOGIA DE PESQUISA	11
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO	12
2 CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA	13
2.1 HISTÓRICO DA MORADIA UNIVERSITÁRIA	14
2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE HABITAÇÃO COLETIVA	21
2.3 TIPOLOGIAS	23
3 ESTUDOS DE CASO	26
3.1 SIMMONS HALL	27
3.1.1 Histórico	27
3.1.2 Implantação	28
3.2 BAKER HOUSE	34
3.2.1 Histórico	34
3.2.2 Implantação	35
3.2.3 Programa	36
3.2.5 Tratamento da Fachada	39
3.3 TIETGENKOLLEGIET	40
3.3.1 Histórico	40
3.3.2 Implantação	42
3.3.3 Programa	43
3.3.5 Tratamento da Fachada	45
3.4 CONSIDERAÇÕES	46
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE	47
4.1 MORADIAS UNIVERSITÁRIAS EM CURITIBA	47
4.1.1 Casa do Estudante Universitário do Paraná (CEU)	49
4.1.2 Casa da Estudante Universitária de Curitiba – CEUC	55
4.1.3 Casa do Estudante Luterano Universitário – CELU	59
4.1.4 Lar da Acadêmica de Curitiba – LAC	63
4.1.5 Casa do estudante Nipo-Brasileira de Curitiba – CENIBRAC	66
4.1.6 Considerações	69
4.2 BAIRRO REBOUÇAS	70
5 DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO	73
5.1 O TERRENO	74
5.2 PROGRAMA DE NECSSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO	77
5.2.1 Setor Moradia	78
5.2.2 Setor Cultural	79
5.2.3 Setor de Comércio e Serviços	79
5.2.4 Pré-Dimensionamento Geral	80
6 PROPOSTA PROJETUAL	80
7 REFERÊNCIAS	83

1 INTRODUÇÃO

1.1 O TEMA

A residência universitária pode ser classificada enquanto moradia transitória e analisada segundo um espaço sede de dinâmicas e relações internas complexas, onde valoriza-se a vivência coletiva dos moradores.

O presente trabalho tem como tema a moradia estudantil destinada à alunos regularmente matriculados em universidades de Curitiba, tendo como foco as soluções arquitetônicas que melhor representem as necessidades e perfil dos moradores. Levando em conta técnicas construtivas e características plásticas que se adequem ao tema proposto.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Elaborar um programa de necessidades para o desenvolvimento do anteprojeto de uma casa de estudantes universitários, que se adequem ao cenário hipotético suscitado, a partir da análise das potencialidades e carências do terreno escolhido e de seu entorno, bem como dos dados levantados, através de pesquisas e questionários.

1.2.2 Objetivo Específico

A fim de contextualizar a moradia universitária enquanto uma tipologia de habitação coletiva, inicialmente, explorar seu surgimento e evolução ao longo da história, levando em consideração eventos que ilustrem a afirmação dessa tipologia no cenário internacional e nacional.

Em seguida, fazer breves considerações sobre a habitação coletiva e sua dinâmica interna particular, bem como sobre as tipologias mais comumente empregadas na elaboração de projetos de Casas de Estudantes.

Realizar, uma análise de obras correlatas ao tema, a fim de salientar características e potencialidades em cada uma delas, as quais possam servir de inspiração e referência no entendimento da residência estudantil enquanto edifício e articulador de atividades coletivas. Restringir, então, a análise ao panorama

municipal, e realizar uma pesquisa sobre as moradias universitárias de Curitiba, através de entrevistas com moradores das casas de estudante curitibanas, e explorar, também, as características do bairro escolhido para a implementação do projeto

1.3 JUSTIFICATIVA

As moradias estudantis se mostram como uma escolha recorrente nos planos dos alunos que ingressam na universidade, principalmente por se tratarem de alternativas mais viáveis, do ponto de vista financeiro, por exemplo. E serem a porta de entrada das relações sociais para um indivíduo que acaba de chegar na cidade, e que pouco conhece.

Entre as cidades paranaenses, Curitiba é a que conta com a presença desse público universitário de forma mais marcantes por ser o centro de importantes universidades. Considerada como um polo atrativo de estudantes universitários Curitiba, de acordo com Martins (1992), a partir de 1950, ano da federalização da Universidade do Paraná, passou a viver momentos de grandes transformações, sendo considerada uma cidade a frente de seu tempo, e por esse motivo tornou-se alvo de estudantes de outros municípios:

... a educação passava a ser considerada um valor, uma garantia de posição social para segmentos médios e não mais um “luxo” exclusivo às elites. Assim, a partir da década de 50 chegava em Curitiba um número cada vez maior de estudantes vindos do interior do Paraná e também de outros Estados, transformando-a na “Cidade Universitária”. (MARTINS, 1992, p.11)

Em 2015, segundo o Instituto Paranaense de desenvolvimento Econômico e Social (2017), totalizavam-se 56 instituições de educação superior no município, entre elas 3 federais e 53 privadas. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016) em 2010, 106.168 pessoas, aproximadamente 6% da população curitibana, cursavam o ensino superior. Segundo Zugman (2012), a partir de uma pesquisa realizada com 5 universidades de Curitiba, em 2011, o total de alunos provenientes de outras cidades, que estavam regularmente matriculados nas universidades estudadas, somava aproximadamente 10.023.

UNIVERSIDADE	NÚMERO DE ALUNOS		NÚMERO DE ALUNOS NÃO RESIDENTES
	Total	Bolsistas	
UFPR	24.282		30% - 7.285
UTFPR	6.566		30% - 1.970
UNIVERSIDADE POSITIVO	10.500	1.050	20% - 373
PUC - PR	18.656	1.865	20% - 210
TUIUTI - PR	9.700	970	20% - 194
TOTAL			10.032
* Dados da UFPR são referentes a 2011, fornecidos pela PROPLAN-UFPR			
** Dados da UTFPR são referentes ao 2º semestre de 2011, fornecidos pela universidade			
*** Demais dados foram fornecidos pelas respectivas universidades			

Quadro 01 – RELAÇÃO ALUNO MATRICULADO E NÃO PROVENIÊNCIA DE CURITIBA. FONTE: ZUGMAN (2012).

Em contraste, atualmente, são ofertadas apenas 570 vagas para estudantes, distribuídas entre as 5 Casas de Estudantes presentes em Curitiba, para atender desde alunos de pré-vestibular a alunos de pós-graduação provenientes de outras cidades.

Aliada à alta procura por casas de estudantes está a necessidade de proporcionar aos alunos ambientes que, além de propícios à convivência em coletivo, garantam o bem-estar dos moradores durante toda sua estadia, e que sirvam de apoio às suas atividades acadêmicas. Idealiza-se uma residência universitária que proporcione essa convivência entre alunos e o amadurecimento acadêmico em conjunto, por meio de um programa que atenda às necessidades específicas desse grupo seletivo.

1.4 METODOLOGIA DE PESQUISA

O desenvolvimento do trabalho se deu por meio de pesquisas de referencial bibliográfico e webgráfico. Buscou-se livros e textos com conteúdo capaz de evidenciar os aspectos a serem abordados pelo estudo.

Foram realizadas visitas às casas do estudante de Curitiba, a fim de perceber como se articula a dinâmica entre os estudantes nos ambientes internos das residências, bem como analisar qualidades e defeitos dos espaços.

E para obter dados que representassem a realidade de forma mais específica, segundo a visão dos moradores, representantes de cada residência foram entrevistados através de um questionário, com o intuito de conhecer as necessidades e principais reivindicações dos residentes, a respeito do

funcionamento, organização e configuração espacial dos ambientes das casas do estudante.

Por fim foi feita uma visita à campo, para a análise do contexto em que o terreno escolhido está inserido, junto à ambiência de seu entorno.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho é composto por cinco partes principais, divididas em capítulos. O primeiro refere-se a Introdução, a qual desempenha o papel de evidenciar quais as diretrizes utilizadas e o modo como se deu a organização da monografia a ser apresentada. O capítulo seguinte apresenta bases para o entendimento do tema abordado, contextualizando a casa do estudante em seu surgimento e sua afirmação no cenário internacional e nacional ao longo da história da moradia universitária.

A terceira parte reúne informações de três obras correlatas escolhidas, sendo analisadas segundo seus aspectos formais, funcionais e estruturais, elucidando suas principais características que possam referenciar o posterior desenvolvimento do projeto.

O quarto capítulo traz a análise e interpretação da realidade a respeito da inserção das residências universitárias no município, sendo expostos os dados levantados, específicos de cada uma das moradias visitadas, e organizados de maneira a comparar as características observadas. Faz parte dessa seção, também, a reunião de dados acerca da melhor localização para o desenvolvimento do projeto, sendo consideradas características físicas, morfológicas e sociais da região escolhida.

No último capítulo são apresentadas as diretrizes projetuais, a partir do estudo da legislação e das características do terreno e seu entorno, que subsidiarão o desenvolvimento da próxima etapa do projeto.

2 CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

A SENCE¹ (2011) define casa do estudante como sendo “todo espaço destinado à moradia dos estudantes”, não importando a renda dos moradores, mesmo que, prioritariamente, sejam considerados os alunos cujas condições sejam de vulnerabilidade socioeconômica e social. E podem receber diferentes denominações, como: alojamento estudantil, residência estudantil, casa do estudante (universitária, secundária, pós graduação, autônoma, municipal, estadual, municipal) e república.

De acordo com a SENCE (2011), existem três tipos básicos de moradia estudantil:

- a) Residência Estudantil: moradia de propriedade das Instituições de Ensino Superior e/ou das Instituições de Ensino Secundaristas Públicas;
- b) Casas Autônomas de Estudantes: moradia administrada de forma autônoma, segundo estatutos de associação civil com personalidade jurídica própria, sem vínculo com a administração de Instituição de Ensino Superior ou Secundarista; e
- c) República Estudantil: imóvel locado coletivamente para fins de moradia estudantil.

As residências segundo Sousa e Sousa (2009) universitárias desempenham papel importante na sociedade, visto que tentam resolver, principalmente, o problema da falta de recursos por parte dos estudantes que são, em sua maioria, de outras cidades, e precisam de auxílio durante o período de sua vida acadêmica, fornecendo moradia e outros serviços auxiliares dentro ou fora do campus, vinculado ou não a uma instituição de ensino. Além disso, a casa de estudantes representa um instrumento facilitador da convivência entre alunos e um estímulo às atividades fora do âmbito da faculdade.

Como um complemento às atividades acadêmicas, a vivência dentro de moradias universitárias pode, segundo Garrido e Mercuri (2013), ser classificada como atividade extracurricular, junto às atividades esportivas e artísticas, frequência ao restaurante universitário, grupos de estudo, participação em eventos, programas de iniciação científica, por exemplo. E pode oferecer, portanto, experiências

¹ A Secretaria Nacional de Casas de Estudante é representante das casas estudantis brasileiras e de seus movimentos locais, cuja reivindicação seja a priorização da assistência estudantil, objetivando a

diferentes quando comparada à vivência dos alunos que residem em residências de outras naturezas.

Apesar da escolha de residir em moradia universitária não ser obrigatória, essa atividade proporciona o desenvolvimento do aluno em alguns aspectos: altruísmo, autoconfiança, autonomia, noção de propósito e ganhos em competência interpessoal, competência prática, competência social e em habilidades acadêmicas. Essa contribuição da vivência junto a outros acadêmicos, para o desenvolvimento do morador foi comprovada por pesquisas exploratórias de Kuh (1995) em 11 universidades dos Estados Unidos e de Capovilla e Santos (2001) com os estudantes de um curso específico em faculdade do interior do Estado de São Paulo.

Além da influência no desenvolvimento do morador em valores intelectuais e culturais, a experiência de morar e conviver em grupo promove atitudes ético raciais mais inclusivas, e leva o aluno a uma maior tolerância e respeito à diversidade, de qualquer natureza, se comparado a outros alunos que não desfrutam desse tipo de interação no ambiente em que moram, e esse pensamento vai de encontro com os estudos realizados por Pascarella e Terezini (2005) e Turley e Wodtke (2010), em torno do desempenho acadêmico de estudantes universitários.

Tendo em vista o caráter da casa do estudante enquanto importante instrumento no processo de amadurecimento do indivíduo, considera-se importante, para o entendimento do conceito de moradia universitária, conhecer sua origem, em paralelo ao surgimento das universidades, no cenário internacional e nacional, bem como analisar características inerentes da tipologia de residências universitárias.

2.1 HISTÓRICO DA MORADIA UNIVERSITÁRIA

A origem das universidades, segundo Pinto e Buffa (2009), se situa na Europa por volta do século XII, em consequência do desenvolvimento urbano e cultural europeu. Diferentemente das vilas que ficavam às margens dos castelos senhoriais ou grandes mosteiros, as cidades eram centros de novas oportunidades econômicas, sociais e políticas aos que imigravam e, por esse motivo, reuniam diferentes ofícios, comércios e artesãos.



Figura 1 – COMÉRCIO NA CIDADE MEDIEVAL
 FONTE: WIKISTÓRIA (2015).



Figura 2 – PRAÇA MEDIEVAL
 FONTE: NÓS E A HISTÓRIA (2011).

A cidade, nesse cenário de mudanças na Europa, foi de fato responsável pelo surgimento das universidades. E esse pensamento é defendido por Janotti (1992) apud Ullmann (2000):

As condições que presidiram o surgimento das universidades foram proporcionadas pela cidade: concentração demográfica, aparecimento de uma classe interessada no direito romano, a intensificação das relações [...]. (ULLMANN, 2000, p. 105)

De acordo com Pinto e Buffa (2009), a partir da ideia de reunir indivíduos que exercessem o mesmo trabalho e ofício, surgiram corporações chamadas *universitas*. Essa terminologia era também utilizada para designar a corporação de professores e estudantes, que procuravam afirmar sua autonomia em relação aos poderes religioso e civil através do ensino.

Segundo Castelnou (2005), junto às universidades (do latim *universitas*) surgiram, na Europa, as moradias coletivas para os estudantes, com o intuito de facilitar a dedicação dos alunos ao estudo e à pesquisa. Contudo, antes mesmo da existência das universidades, algumas escolas já abrigavam seus alunos em suas dependências. A exemplo disso, Ullmann (2000) faz menção à Escola Ascético-Terapêutica de Buda, na Índia, onde entre 650 e 550 a. C., discípulos da doutrina budista viviam nos templos como forma de isolamento da sociedade, em troca de purificação da alma através da meditação.



Figura 3 – SACERDOTE EM CERIMÔNIA, HIROSHIMA, JAPÃO.
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 4 – TODAIJI, TEMPLO BUDISTA EM NARA, JAPÃO.
FONTE: O AUTOR (2017).

Assim também faziam os monges, seguidores de uma mesma doutrina, na Escola de Confúcio, na China, entre 511 e 478 a. C., que independente de sua classe social, conviviam todos juntos no mesmo mosteiro. Ulmann (2000) também traz exemplos da Grécia, a Escola de Pitágoras e o Liceu de Aristóteles e levanta o fato de existir, desde 582 a. C., aposentos dentro das próprias escolas onde filósofos e alunos moravam e interagem entre si e, segundo Castelnou (2005), era lugar onde podiam fazer exercícios intelectuais no tempo livre das ocupações diárias. Apesar da existência de pré-universidades, as primeiras corporações que desencadearam a formação das universidades, segundo Castelnou (2005), foram:

- a) *Scuola Medica* de Salerno, formada no século X, tornou-se um centro de intercâmbio de ciências cristã, árabe e judaica;
- b) *Università di Bologna*, surgida em 1088, foi a primeira universidade europeia laica, a qual era particular, sustentada pelo pagamento dos estudantes; e
- c) *Université de Paris*, foi criada entre 1150 e 1170 por iniciativa do episcopado da cidade. Em 1215, libertou-se da tutela eclesiástica e abriu-se para toda população.



Figura 5 – UNIVERSITÀ DI BOLOGNA
FONTE: MAUI (s.d.).



Figura 6 – UNIVERSITÉ DE PARIS
FONTE: UNIVERSITÉ PARIS 1 (s.d.).

Na Europa medieval, com a intenção de amenizar as dificuldades encontradas por professores e alunos, com sua inserção em meio acadêmico, foram criados os *collegia*, os quais desempenhavam a função de alojamento. Segundo Ullmann (2000), essas dificuldades estavam ligadas, em sua maioria, à aspectos geográficos, tendo em vista que grande parte dos alunos e, também, dos professores, vinham de várias partes da Europa, e à aspectos sociais, uma vez que as universidades não faziam distinção de classes sociais, alunos menos privilegiados financeiramente tinham dificuldade em pagar as despesas de moradia e estudo.

Os *collegia* ou colégios surgiram inicialmente, segundo Ullmann (2000), como uma extensão dos grupos eclesiais que buscavam a salvação da alma de seus membros, fiéis, e faziam parte dos colégios apenas aqueles que tinham algum vínculo próximo com os fundadores do grupo. As primeiras instituições surgiram entre os séculos XII e XIII, na cidade de Paris, França, a qual reunia um grande quantidade de colégios. Apesar da iniciativa parisiense, os colégios não se limitaram ao território francês, e se consolidaram, também, em outras cidades europeias, principalmente em Oxford e Cambridge, na Inglaterra, onde no final da Idade Média, segundo Ullmann (2000), os colégios representavam essencial complemento à vida universitária dos moradores. Rashdall (1958), aponta como principal diferença entre os *collegia* franceses e britânicos, seu caráter administrativo, uma vez que aqueles tinham sempre uma ligação a alguma instituição, em sua maioria religiosa, enquanto estes, denominados *residence halls* pelos ingleses, usufruíam de certa autonomia em relação à organização das universidades.

Segundo (Gomes et al., s.d.), as universidades medievais passaram a se adequar às novas condições da sociedade e, por volta do século XV, estas instituições europeias “receberam o impacto das transformações comerciais do capitalismo e do humanismo literário”, afastando-as do domínio tradicional da igreja sobre o ensino.

No Brasil, segundo Caltelnuou (2005), resultado da iniciativa dos jesuítas², por volta de 1550, surgiram as primeiras edificações destinadas à educação no país, que se resumiam à reduções e colégios, sendo os principais responsáveis pelo ensino até 1759, ano em que os jesuítas foram expulsos do país.



Figura 7 – FACULDADE DE DIREITO DE SP
FONTE: FOLHA DE SÃO PAULO (2016).



Figura 8 – FACULDADE DE DIREITO DE RECIFE
FONTE: ARPENPE (2016).

Conforme levantado por Castelnuou (2005), no Brasil o ensino superior só passou a existir de fato durante o Império, período compreendido entre 1822 e 1889, com a criação das primeiras Faculdades de Direito de São Paulo, em 1827, e de Recife um ano depois. Dentre as mais antigas universidades do país, formadas pela contratação de professores estrangeiros, estão a do Paraná (1912), Rio de Janeiro (1920), Minas Gerais (1927), São Paulo (1934), Rio Grande do Sul (1934), Bahia (1946) e Pernambuco (1946).

Tendo em vista o exponencial crescimento no número de universidade no país, desde então, o fluxo de estudantes em várias regiões do país cresceram em igual proporção e, portanto, houve a necessidade de infraestrutura especializada a estes universitários, principalmente no que tange a assistência habitacional. De acordo com o estudo de Gomes et al. (s.d.), as casas de estudantes brasileiras mais

² Os padres jesuítas faziam parte da ordem religiosa chamada Companhia de Jesus, e objetivavam disseminar a fé católica pelo mundo. As missões jesuíticas chegaram ao Brasil, em 1549, com o intuito de cristianizar as populações indígenas em território colonial português. (SOUSA, 2017).

antigas estão localizadas na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais. Elas tiveram sua origem, segundo o *site* da Universidade Federal de Ouro Preto (2017), durante a regência de Dom João VI, rei de Portugal, com a criação da Escola de Minas, em 1876. A partir dessa data, Ouro Preto se transformava em uma cidade universitária, e repúblicas estudantis surgiam como centro da vida dos estudantes da cidade, os quais pagavam apenas valores simbólicos para o aluguel.



Figura 9 – REPÚBLICA ARCÁDIA EM OURO PRETO, MINAS GERAIS.
FONTE: REPÚBLICA ARCÁDIA (s.d.).

Atualmente, ainda segundo UFOP (2017), as repúblicas de Ouro Preto estão divididas em dois grupos, segundo sua regência:

- a) Repúblicas Federais: imóveis cedidos pela universidade, aos alunos, para a moradia estudantil. Localizadas em torno do campus Morro do Cruzeiro e espalhadas pelo centro histórico de Ouro Preto, totalizam 58 repúblicas na cidade. Cada moradia possui um critério de seleção particular, sendo avaliado o espírito solidário e o senso de comunidade; e
- b) Repúblicas Particulares: são aquelas onde grupos de estudantes alugam em conjunto um imóvel particular, a fim de dividir os custos referentes à manutenção da casa. Apesar do caráter particular, a UFOP colabora com apoio jurídico, no que diz respeito ao contrato com os locatários.

Em 1929, segundo Gomes et al. (s.d.), foi fundada a Casa do Estudante do Brasil³, no Rio de Janeiro, como suporte aos estudantes da Universidade do Rio de Janeiro, o que culminou na criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1937. Contudo, somente a partir do governo de Getúlio Vargas, que a assistência estudantil foi institucionalizada. E nesse cenário, entre 1940 e 1950, conforme Gomes et al. (s.d.), vem a determinação de criar cidades universitárias, para o amparo de alunos e professores nas novas universidades federais brasileiras.



Figura 10 – CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL
FONTE: KEKANTO(2016).



Figura 11 – LOCALIZAÇÃO DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL, RIO DE JANEIRO
FONTE: GOOGLE MAPS (2017).

Porém, durante a década de 60, muitas casas de estudantes brasileiras foram destruídas, devido a questões políticas e partidárias. De acordo com Gomes et al. (s.d.), dez anos após a destruição, houve uma necessidade percebida pelo governo, de se construir novas moradias estudantis, devido ao desenvolvimento do país e à reforma universitária durante a década de 70; e atualmente existem várias casas de estudante em todo o Brasil, de regime privado e público, com suas próprias organizações particulares, que incentivam o desenvolvimento do aluno competências alternativas que não são apreendidas dentro das salas de aula, em ambiente acadêmico.

³ A Casa do Estudante do Brasil foi a primeira entidade estudantil de âmbito nacional visando a assistência social aos estudantes e a promoção, difusão e intercâmbio de obras e atividades culturais. A instituição foi fundada por um grupo de estudantes universitários do Rio de Janeiro, junto a representantes das escolas Militar e Naval, em Assembleia promovida pela Faculdade Nacional de Direito. (CUNHA, 2009)

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE HABITAÇÃO COLETIVA

O surgimento das habitações coletivas verticalizadas foi impulsionada pela necessidade de suprir a alta densidade populacional das grandes cidades, em cenário de pós-revolução industrial. Segundo Medrano (2005), essa tipologia, pertencente ao Movimento Moderno, contrariava a ideia conservadora de que as residências deveriam existir isoladamente, mas fez-se necessária a partir da formação das novas cidades de caráter industrial. Para que essa demanda fosse atendida, pela geração de arquitetos que se formava, de acordo com Medrano (2005), foi necessário repensar processos projetuais, uma vez que a construção de habitações coletivas requeria uma evolução dos sistemas construtivos, sanitários técnicos, estéticos e urbanísticos. A verticalização da habitação não provocou apenas mudanças no caráter construtivo do edifício, como transformou a relação do homem e o meio em que vive, repaginando a dinâmica das cidades.

Conforme Medrano (2005), a necessidade de propor o adensamento dos espaços habitáveis não aconteceu de forma isolada, sendo recorrente em todo o Movimento Moderno, principalmente na vertente racionalista, estimulado pela industrialização crescente das cidades. O principal objetivo, em propor o adensamento dos espaços, era reduzir os processos de produção e, portanto, adequar-se às recentes necessidades urbanísticas.

Segundo Colin (2010) reafirmado por Medrano (2005), o arquiteto suíço Le Corbusier foi um expoente da arquitetura modernista racionalista e um estudioso na área da habitação coletiva, com foco em habitação mínima. Como resultado da dedicação de Le Corbusier ao estudo tem-se a *Unité d'habitation de Marseille*, construída em 1952, em Marselha, na França, que rompeu com o modelo tradicional das edificações historicamente conhecidas.

O edifício, segundo Kroll (2016) se insere em um contexto pós-Segunda Guerra Mundial, quando a Europa enfrentava considerável déficit habitacional, com a finalidade de abrigar a parcela da população desamparada após atentados. Análoga à residência universitária, a *Unité d'habitation*, conforme Kroll (2016), buscava incentivar a vida comunitária entre todos os moradores, por meio de um edifício multifuncional, que contemplasse comércio e áreas de lazer, como uma “cidade jardim vertical”. Bem como nas moradias estudantis, o projeto do edifício

visava facilitar a vida dos moradores fornecendo serviços auxiliares de saúde, lazer e comércio, além das células habitacionais.

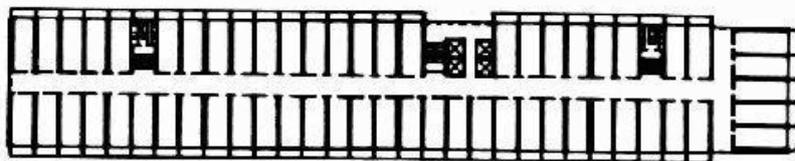


Figura 12 – PLANTA BAIXA (UNITÉ D'HABITATION)
FONTE: ARCHDAILY (2016)



Figura 13 – FACHADA (UNITÉ D'HABITATION)
FONTE: ARCHDAILY (2016)

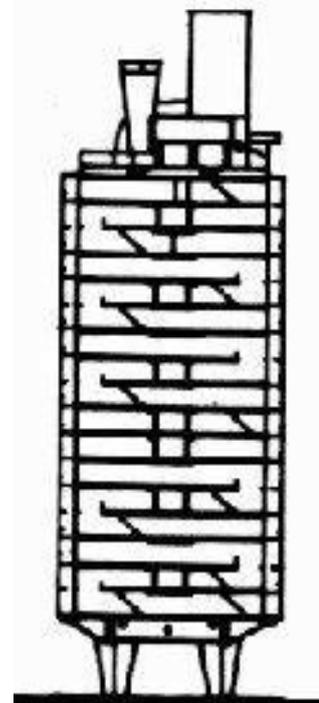


Figura 14 – CORTE (UNITÉ D'HABITATION)
FONTE: ARCHDAILY (2016)

A ideia da construção de edifícios multifuncionais e autossuficientes, ou seja, edifícios que forneçam serviços que supram a maioria das necessidades do cotidiano dos moradores, segundo Medrano (2005), foi um dos mais importantes legados deixados pelo Modernismo. Ainda hoje, características dessa tipologia e programa habitacional são possíveis de serem vistos aplicados, mesmo que conceitualmente diferentes do projeto modernista, cuja importância dos espaços livres, públicos e semipúblicos, se equivale à da função habitacional.

De acordo com Holl (1997) apud (Medrano, 2005, p. 5):

Na cidade moderna, os vazios entre os edifícios, e não os edifícios em si, são uma fonte de inspiração espacial. O espaço urbano é formado por agrupamentos verticais, contrário ao plano da terra, prolongando traços de luz, pontes e penetrações em uma horizontalidade fixa. O espaço urbano tem uma dimensão Z vertical igual ou mais importante que o plano horizontal X-Y [...]

A tipologia de residência estudantil pode ser classificada enquanto habitação coletiva, e muito pode ser comparada ao edifício francês de Le Corbusier, uma vez

que as unidades habitacionais são otimizadas em relação à área útil e espaços de serviços são compartilhados por todos os moradores de maneira comunitária. Essa dinâmica sugerida pelos espaços comuns pode ser considerada como ideal ao ambiente de casas de estudantes, as quais têm como importante objetivo a integração entre os moradores.



Figura 15 – ESTAR (UNITÉ D'HABITATION)
FONTE: ARCHDAILY (2016)



Figura 16 – TERRAÇO (UNITÉ D'HABITATION)
FONTE: ARCHDAILY (2016)



Figura 17 – QUARTO (UNITÉ D'HABITATION)
FONTE: ARCHDAILY (2016)

2.3 TIPOLOGIAS

Edifício de moradias estudantis podem, segundo Castelnou (2005), serem implantadas seguindo cinco tipologias mais comuns:

- a) Implantação em Quadras: forma construtiva de grande superfície e fechada, proveniente da construção unitária ou enfileiramento de edifícios individuais. Possibilita grande adensamento, além da clara diferenciação em função e forma dos espaços do entorno, interiores e exteriores;

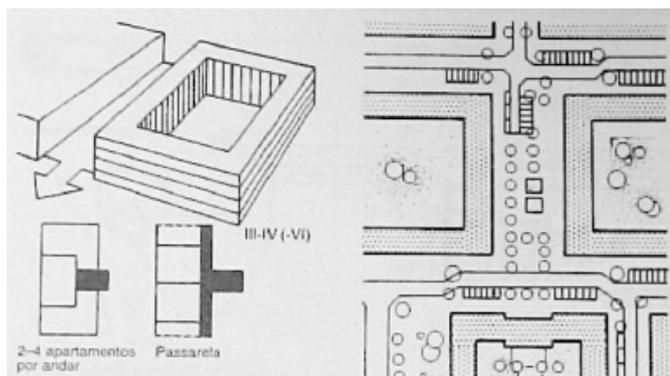


Figura 18 – IMPLANTAÇÃO EM QUADRAS
FONTE: CASTELNOU (2015)

- b) Implantação em Blocos: forma construtiva de grande superfície e aberta, derivada do agrupamento de tipos de edifícios iguais ou de diferentes concepções. Possibilita pouca ou nenhuma diferenciação entre espaços do entorno, interiores e exteriores;

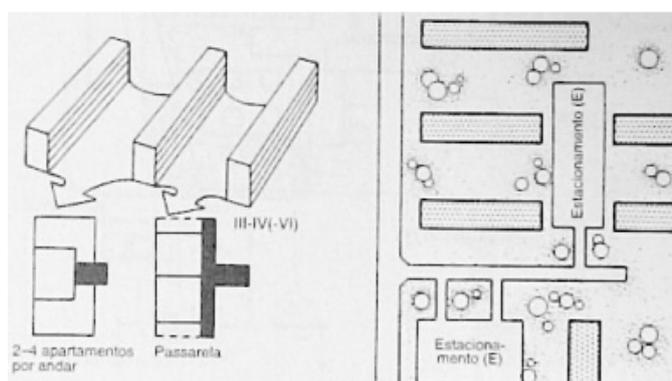


Figura 19 – IMPLANTAÇÃO EM BLOCOS
FONTE: CASTELNOU (2015)

- c) Implantação em Lâminas: Forma solitária de edificação, na maioria de grande comprimento e dimensão, interiores e exteriores. A ocupação espacial do entorno pode ser apenas sugerida;

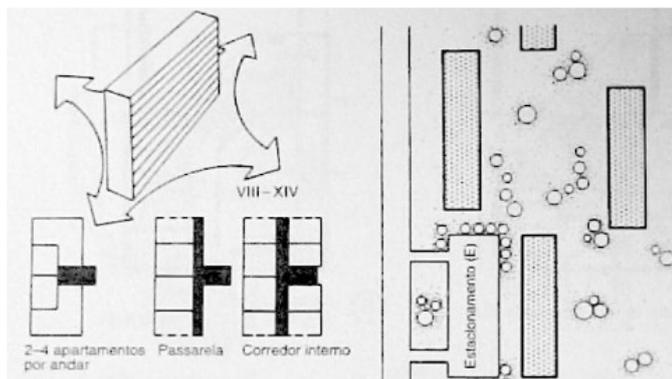


Figura 20 – IMPLANTAÇÃO EM LÂMINA
 FONTE: CASTELNOU (2015)

- d) Implantação em Grandes Formas: Forma derivada da ampliação e ligação de edifícios laminares, consiste numa forma solitária ou construção de superfície em escala. Possibilita a conformação de grandes áreas, mas impede a diferenciação entre espaços do entorno, interiores e exteriores; e

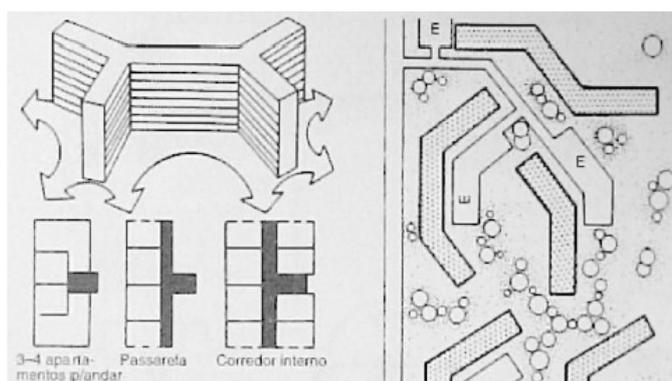


Figura 21 – IMPLANTAÇÃO EM GRANDES FORMAS
 FONTE: CASTELNOU (2015)

- e) Implantação em Torres: Forma solitária ou pontual característica de edificação livre na implantação e superfície isolada, sem possibilidade de conformação de espaços de entorno. Frequentemente, consiste em elemento urbanístico dominante em relação a grandes planos ou estruturas já existentes.

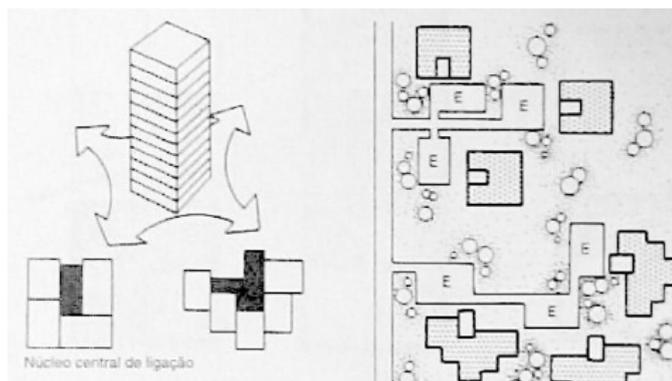


Figura 22 – IMPLANTAÇÃO EM TORRE
 FONTE: CASTELNOU (2015)

3 ESTUDOS DE CASO

Todo processo de criação está aliado às referências de mundo apreendidas pelo autor da obra e sua bagagem cultural e profissional. Portanto considera-se importante, como subsídio para a elaboração de um projeto de arquitetura, o estudo de exemplos correlatos ao tema, neste caso ao de residências universitárias, que possam servir de inspiração ao processo criativo.

O dicionário Michaelis (2016) define a palavra criação: 1 Ato ou efeito de criar, de tirar do nada [...]. Entretanto Kleon (2013) explica que não existe ideia alguma capaz de ser totalmente original, pois toda nova ideia é a junção de outras ideias anteriores. O ser humano, inclusive, é um exemplo concreto dessa teoria; pois é fruto da combinação das características de seus pais, “mas o seu somatório é maior que a parte deles”. (KLEON, 2013, p. 19).

O bom artista deve se deixar influenciar por aquilo vivencia, e não tentar ignorar referências alheias. Porque, segundo Kleon:

...nada vem do nada. Todo trabalho criativo é construído sobre o que veio antes. [...] Alguns acham essa ideia deprimente, mas ela me enche de esperança. [...] Se estivermos livres do fardo de ser completamente originais, podemos parar de tentar construir algo do nada e abraçar a influência ao invés de fugirmos dela. (KLEON, 2013, p. 15).

Este capítulo irá, portanto, apresentar três modelos de moradias estudantis, em contexto internacional e nacional, que possam referenciar a parte prática do projeto a ser desenvolvido pelo trabalho final de graduação. Analisando cada um dos exemplares segundo suas diretrizes de projeto.

Serão estudadas obras que não se limitem à função de habitação e apresentem soluções não convencionais para a vivência em coletivo. A análise busca explorar a multifuncionalidade dos edifícios, característica considerada fundamental para o funcionamento de uma residência estudantil, já que é importante a presença de espaços auxiliares que possam atender outras necessidades dos estudantes além da moradia. Todavia, entende-se que cada correlato apresenta sua particularidade, enquanto obra de autores distintos e, portanto, resolve o funcionamento interno das moradias de forma também distinta, priorizando aspectos específicos, segundo o julgamento do arquiteto responsável.

3.1 SIMMONS HALL

3.1.1 Histórico



Figura 23 – FACHADA (SIMMONS HALL)
FONTE: ARCHDAILY (2010)

Em 1999, segundo Mutuli (2016), o Massachusetts Institute of Technology (MIT) contratou o arquiteto Steven Holl para projetar o novo edifício do campus, localizado na cidade de Cambridge, Massachusetts, nos Estados Unidos, cuja função era abrigar mais de 300 estudantes da universidade em um espaço interativo. A solução formal do edifício, de acordo com Perez (2010), partiu da ideia de Holl em transformá-lo, metaforicamente, em uma esponja. A estrutura porosa poderia, então, permitir não somente a entrada de luz por entre as grandes aberturas (fig. 24) que cortariam todo o complexo, mas a configuração de espaços de convivência para os alunos, onde o fluxo visual entre os andares pudesse acontecer.

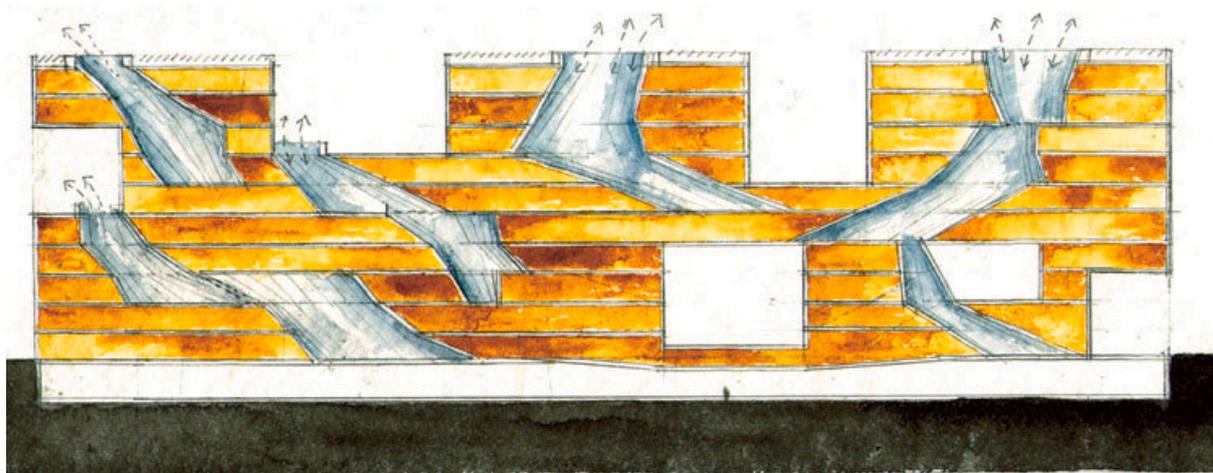


Figura 24 – ÁTRIOS EM CORTE (SIMMONS HALL)
FONTE: ARCHDAILY (2010)

Entretanto, nas palavras de Perez (2010), os átrios não puderam ser concretizados na escala desejada pelo arquiteto. A ideia, então, foi otimizada e os rasgos nas lajes foram reduzidos em apenas 5 grandes vazios espalhados pelo edifício, que correspondem a entradas principais, corredores e terraços – elementos integradores dos espaços.

A obra foi concluída em 2002, após dois anos desde o início de sua construção. E resultou em um edifício de 10 andares, com capacidade para abrigar 350 pessoas, em ambientes que extravasem o programa básico de habitação e forneçam aos moradores apoio às atividades corriqueiras.

3.1.2 Implantação

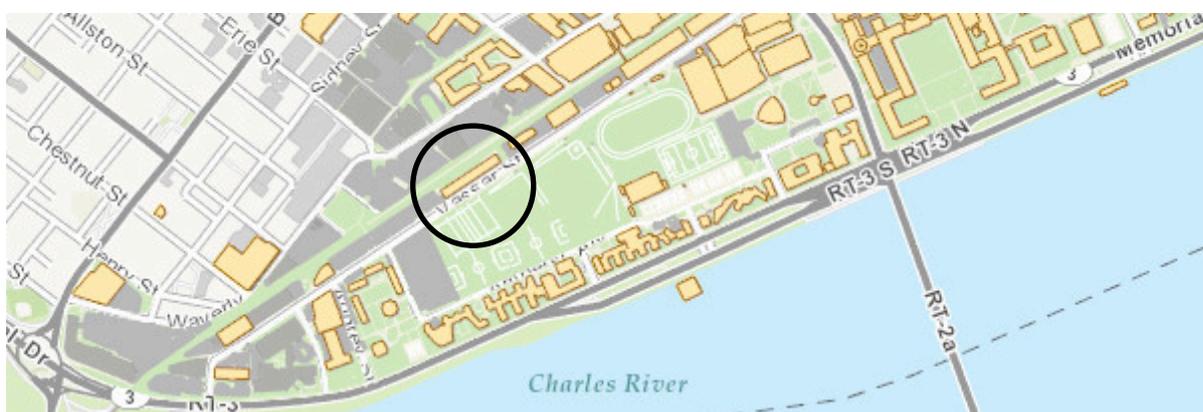


Figura 25 – SITUAÇÃO (SIMMONS HALL)
FONTE: Modificado de MIT CAMPUS MAP (2017)

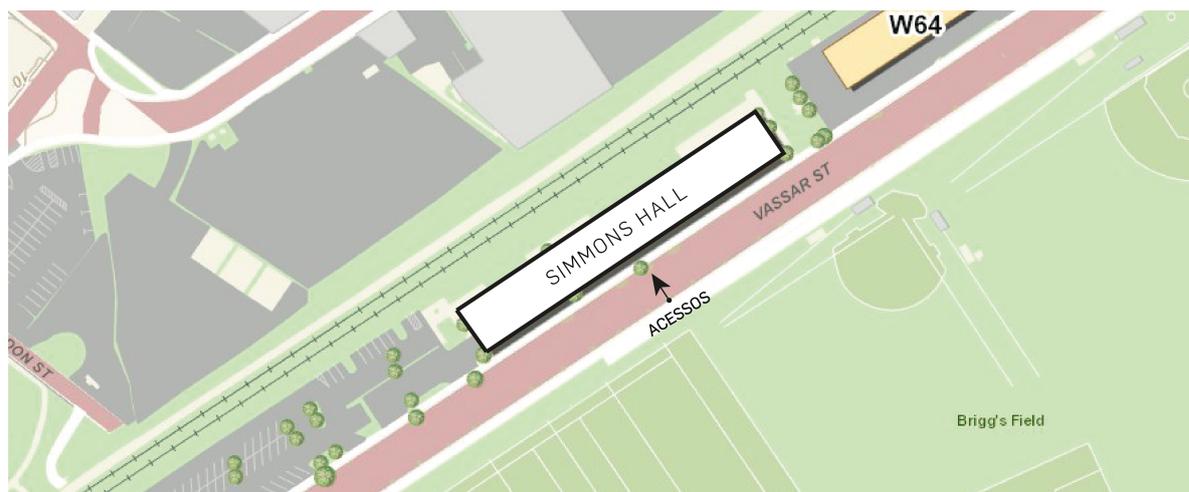


Figura 26 – IMPLANTAÇÃO (SIMMONS HALL)
 FONTE: Modificado de MIT CAMPUS MAP (2017)

Localizado na parte oeste do campus, o edifício fica em frente a um grande campo de esportes, o que facilita sua compreensão enquanto grande volume laminar, já que não há elementos adjacentes que possam obstruir a visão do observador.

3.1.3 Programa

O projeto, segundo Perez (2010), não visava apenas a criação de unidades habitacionais, como almejava alcançar a integração e a mistura entre os estudantes por meio de ambientes alternativos, que juntos fossem capazes de formar uma “fatia da cidade”. Em outras palavras, buscou-se, além de abrigar os 357 moradores, entre eles alunos de graduação, pós-graduação, professores e visitantes, fornecer espaços auxiliares que sirvam de apoio aos moradores e incentivem a vivência comunitária, uma vez que o programa acontece inteiramente dentro do campus e, por sua vez, os alunos estudam e residem afastados dos serviços ofertados pela cidade.

As atividades se distribuem entre um anfiteatro para 125 pessoas, dois restaurantes, um café, academia, laboratório fotográfico, salas de estudo, sala de jogos e salas multiuso, todos conectados por largos corredores ao longo de todo o prédio, e essa comunicação entre os espaços, segundo Steven Holl Architects (2015) acaba criando um ambiente lúdico e dinâmico para os moradores. Cumprindo o propósito da habitação coletiva.



Figura 27 – AMBIENTENS, ACESSOS E CIRCULAÇÕES (SIMMONS HALL)
 FONTE: Modificado de STEVEN HOLL (2003)

Segundo o *site* Simmons Hall (2012), para incentivar ainda mais o caráter coletivo da residência, a gerência do edifício é única e é formada por alunos, professores e tutores que atuam juntos para manter os espaços “seguros, convidativos e inclusivos a todos os membros da comunidade”. Para tanto, as reuniões são todas feitas nos *lounges* de forma aberta, a fim de envolver o máximo de moradores nas discussões.

3.1.4 Acessos e Circulação

Os três acessos do edifício estão dispostos na fachada voltada à *Vassar Street*. Cada um deles leva o morador a um espaço distinto. O primeiro e principal acesso, localiza-se na extremidade leste da lâmina e se configura como um chanfro resguardado por uma marquise perforada (fig. 28), a qual faz referência ao conceito original de “esponja” (fig. 29) do projeto elaborado pelo arquiteto.



Figura 28 – MARQUISE (SIMMONS HALL)
FONTE: POGGI (2011)

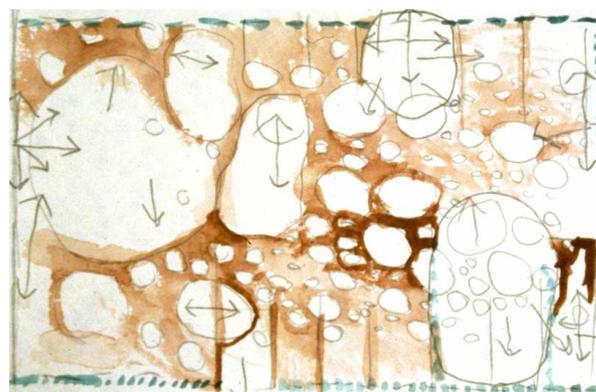


Figura 29 – CROQUI (SIMMONS HALL)
FONTE: E-ARCHITEC (2016)

O segundo, localizado mais ao centro da testada, conduz ao segundo pavimento. E o último, próximo ao segundo, é o acesso do restaurante interno e externo.



Figura 30 – INDICAÇÃO DE ACESSOS (SIMMONS HALL)
FONTE: Modificado de LAIPSON (s.d.)

A circulação horizontal desempenha papel importante na dinâmica interna do edifício, cortando-o no sentido longitudinal, interliga todos os ambientes e dá acesso às circulações verticais. Os largos corredores de onze metros, segundo Perez

(2010), são dessa forma para mimetizar o ambiente urbano e trazer suas ruas para a grande cidade vertical que é o complexo.

3.1.5 Tratamento da Fachada

De acordo com o *site* Simmons Hall (2012), foram distribuídas 5.538 janelas ao longo dos 100 metros de fachada do edifício. E , segundo o Architizer (2017) a cada conjunto de nove janelas, em um padrão de 3 x 3 janelas, forma-se um dormitório. Apesar de muitas, as janelas, as quais tem profundidade de 45 centímetros, devido a técnica “PerfCon” utilizada, elas garantem a proteção dos quartos contra a incidência direta da luz do sol no verão, mas permitem a entrada de luz e calor nos dias de inverno.



Figura 31 – FACHADA AO ANOITECER (SIMMONS HALL)

FONTE: ARCHDAILY (2010)



Figura 32 – FACHADA ILUMINADA (SIMMONS HALL)

FONTE: STEVEN HOLL (2003)



Figura 33 – QUARTO DUPLO (SIMMONS HALL)

FONTE: BAAN (s.d.)

3.1.6 Estrutura

O terreno escolhido, próximo a um rio, para a implantação do projeto, de acordo com o *site* Architizer (2017), era muito instável e a camada de rocha muito profunda, fazendo-se necessário uma fundação de concreto de 1,2 metros de espessura para sustentar o edifício, como se ele flutuasse sobre o solo. Para contrabalancear a pressão exercida pelo edifício no solo, foi retirada uma massa equivalente àquele de terra.

Segundo Architizer (2017), a estrutura utilizada no projeto denomina-se “PerfCon”, que são painéis pré-moldados de concreto, permitindo uma maior flexibilidade de uso, neste caso, inúmeras aberturas de 60 x 60 centímetros em suas fachadas.



Figura 34 – DIAGRAMA DE TENSÕES (SIMMONS HALL)
FONTE: STEVEN HOLL (s2003)

Apesar de fazerem parte da composição das fachadas, as diferentes cores das janelas não têm apenas caráter estético. De acordo com o *site* Architizer (2017), o padrão de cores, vermelho, laranja, amarelo, azul e verde, é também indicador da quantidade de tensão máxima suportada por cada uma das janelas, sendo cada cor representante de uma dada tensão. Inclusive, algumas aberturas tiveram que ser preenchidas para aliviar a tensão em algumas áreas da estrutura, causada pelo excesso de vazios.



Figura 35 – ESTRUTURA (SIMMONS HALL)
FONTE: SIMMONS HALL (2012)



Figura 36 – PADRÃO DE CORES (SIMMONS HALL)
FONTE: ARCHDAILY (2012)

3.2 BAKER HOUSE

3.2.1 Histórico



Figura 37 – VISTA AÉREA (BAKER HOUSE)
FONTE: MIT LIST (s.d.).

O *Baker House*, segundo Ray (2005) foi projetado em 1946 pelo arquiteto finlandês, Alvar Aalto, para ser o novo dormitório do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), em Boston, EUA, universidade onde o arquiteto lecionou por seis anos. As decisões projetuais foram tomadas, também, por outros quatro arquitetos,

Aino, Kaija, Olav Hammaström e Veli Paatela, que auxiliaram Aalto em todo o processo de desenvolvimento do edifício, que acabou culminando em sua construção entre os anos 1947 e 1948, tendo sua obra finalizada no ano seguinte. Ray (2005).

De acordo com Ray (2005) a forma do edifício se deu em função da localização do terreno, situado ao longo do rio Charles. Ela acontece de forma curva e sinuosa devido a vontade de Aalto em maximizar a vista do rio para todo estudante, o que era inviável de se materializar nas outras volumetrias, propostas pelo arquiteto: blocos paralelos escalonados, pontas em formato de leque e um gigante polígono.

Segundo Fleig (1963), a forma do edifício não só favorece a vista para o rio, como evita a vista indesejável da rua que antecede o rio:

O terreno se localiza em uma rua de tráfego intenso ao longo do rio Charles. A fim de evitar o máximo possível da vista desagradável da rua, o projeto em forma curva foi escolhido. Por esse motivo, nenhum quarto foi orientado em ângulos retos como a rua e seu tráfego. É evidente o quão mais tranquilo é olhar na diagonal pelas janelas, por exemplo, para um trem se movendo na paisagem. (FLEIG, 1963, p. 134)TIE

3.2.2 Implantação

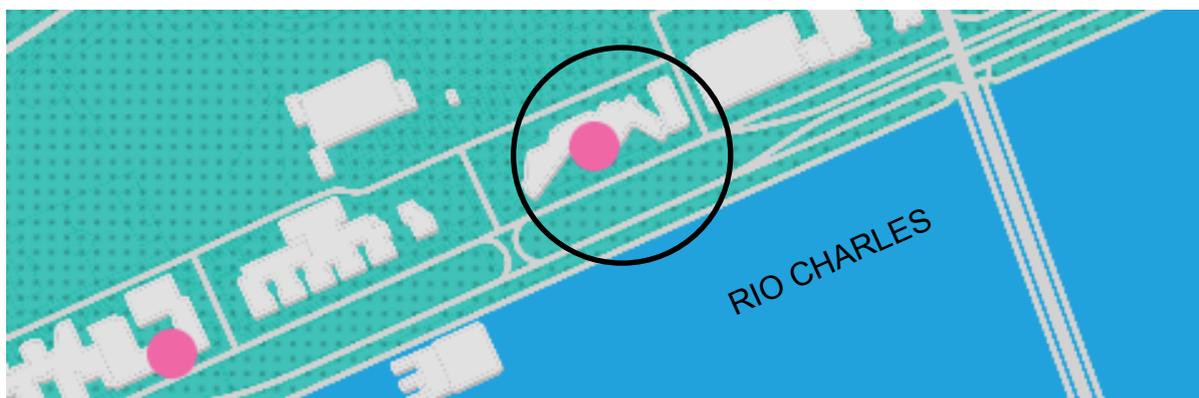


Figura 38 – SITUAÇÃO (BAKER HOUSE)
FONTE: Modificado de MIT LIST (s.d.).

O edifício localiza-se na porção sul do campus do MIT, tendo uma de suas testadas orientada ao rio Charles e a outra, oposta àquela, fica defronte às quadras de tênis da universidade. Como exigência de Alvar Aalto, todos os dormitórios estão orientados à Sul para o melhor proveito da insolação, mas nunca de forma perpendicular, a fim de proteger acústica e visualmente os dormitórios da rua em frente (fig. 39), a *Memorial Drive*.

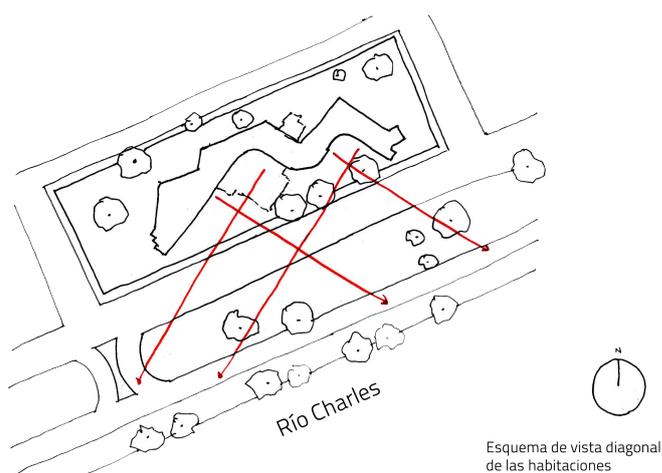


Figura 39 – ESQUEMA DE VISTA DIAGONAL (BAKER HOUSE)
FONTE: CASIOPEA (s.d.).

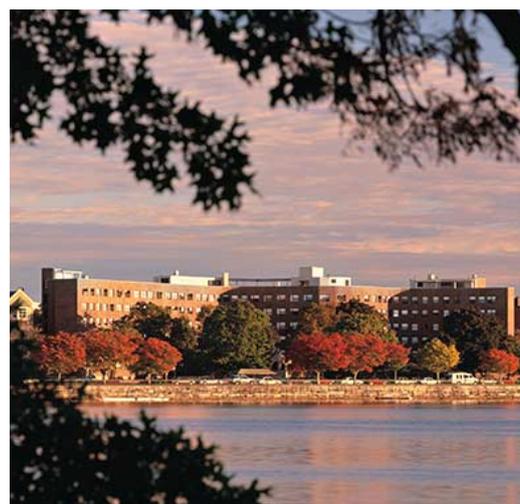


Figura 40 – FACHADA SUL (BAKER HOUSE)
FONTE: CASIOPEA (s.d.).

3.2.3 Programa

Toda a dinâmica da residência universitária *Baker House*, segundo Casiopea (2016), acontece em um único bloco que distribui suas funções em 6 andares. O edifício é capaz de abrigar 318 alunos, distribuídos em 232 quartos, de dois, três ou quatro moradores. Nos 1600 m² de área edificada, também se encontram uma cafeteria, uma lavanderia e outros espaços de convívio, estando os demais serviços e equipamentos auxiliares em ambiente externo, espalhados no campus da universidade.

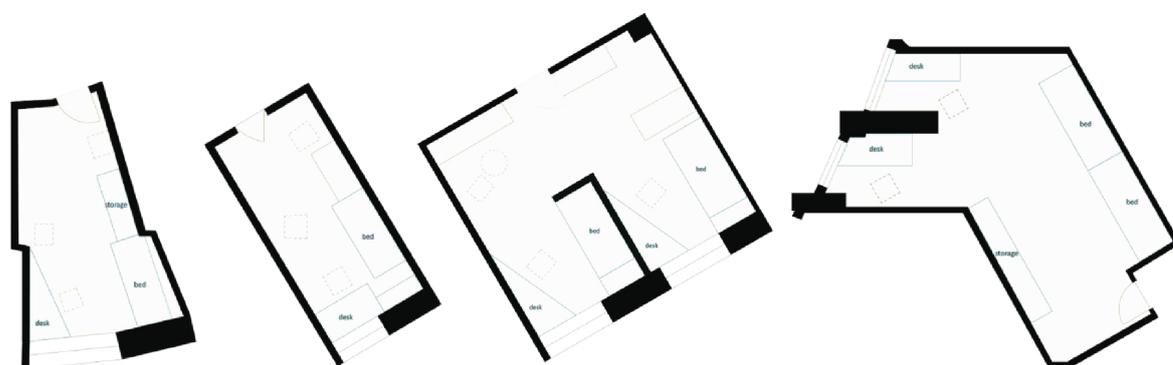


Figura 41 – TIPOLOGIAS DE HABITAÇÃO SIMPLES E DUPLA (BAKER HOUSE)
FONTE: Adaptado de CASIOPEA (s.d.).

A forma organicista⁴ do edifício, apesar de incomum, resultou em uma variedade enorme na configuração das plantas das unidades (fig. 41). De acordo com Ray (2005), Alvar Aalto identifica essa configuração como “padronização flexível”, uma vez que os quartos são praticamente idênticos, mas devido a forma curva do edifício, 22 tipos diferentes de planta foram necessários em um andar com 43 quartos no total. Porém, essa diferenciação entre plantas tornou necessária a criação de móveis únicos para cada tipo de dormitório.

Todos os dormitórios, segundo Casiopea (2016), são interligados por um extenso corredor longitudinal que percorre o edifício de ponta a ponta. Esse corredor funciona como um elemento integrador, já que permite todos os moradores acessarem os espaços comuns: salas de estar, banheiros comunitários e as circulações verticais.

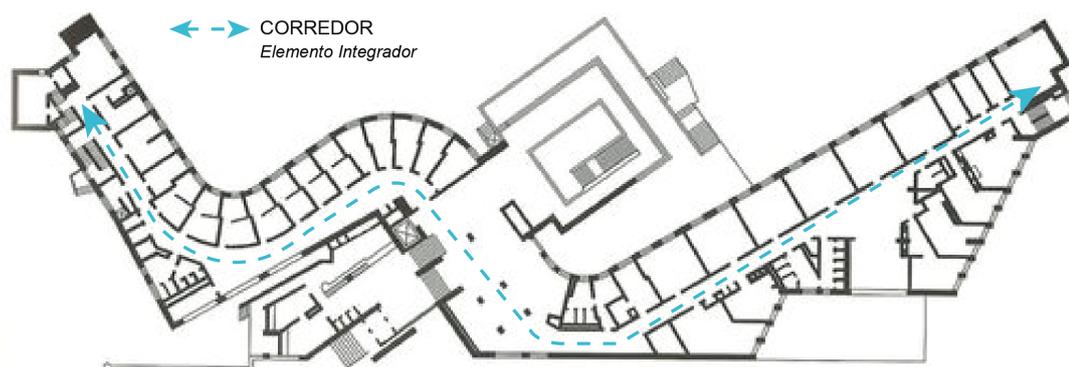


Figura 42 – CORREDOR COMO ELEMENTO INTEGRADOR (BAKER HOUSE)
FONTE: Modificado de KOJOVIC (s.d.).

Pollack (2006), através de uma pesquisa para a *Architecture Week*, entrevistou alguns alunos residentes da *Baker House*, e pode constatar que o estilo único dos grandes corredores, aliado à convivência nos espaços comuns, à liberdade de organização dos móveis dentro dos quartos e ao caráter acolhedor da arquitetura do edifício, garantem à residência o título de lar por parte dos moradores. Reafirmando a posição do dormitório enquanto habitação coletiva, cujo foco é a integração entre os estudantes.

⁴ A arquitetura organicista se configura como uma vertente do movimento moderno, que valoriza as formas oblíquas e onduladas, em detrimento da padronização arquitetônica. Difundiu-se principalmente no Norte europeu, sendo Alvar Aalto o principal precursor desse movimento (CASTELNOU, 2010).

3.2.4 Acessos e Circulação

Segundo Casiopea (2016), o edifício, cercado por áreas verdes, é aberto ao campus pela fachada norte e o acesso à cidade se dá pela fachada sul do edifício, o qual pode ser percorrido por toda sua volta através de ruas perimetrais ao lote.

A circulação vertical do edifício representa um elemento, além de funcional, estético muito forte. As escadas superiores extravasam os limites da fachada, tornando-se um elemento quase que anexo ao corpo do edifício.



Figuras 43 e 44 – ESCADA COMO ELEMENTO DA FACHADA (BAKER HOUSE)
FONTE: CASIOPEA (s.d.).

A forma comprida e curva do volume construído, de acordo com Casiopea (2016) acabou forçando a configuração dos espaços internos em arranjos trapezoidais e retangulares que variam de acordo com os espaços. Essa configuração, desprendida de uma padronização, foi a responsável por criar uma ambientação lúdica e pouco monótona para os estudantes, levando em consideração o fluxo natural dos espaços comuns, além das amplas escadas que criam um eixo sem obstáculos visuais, aumentando a probabilidade do encontro e a interação entre os alunos, que fomenta o sentimento de comunidade.

O *site* Casiopea (2015) classifica a forma como são distribuídos os fluxos, tanto horizontais quanto verticais, como principal características do edifício. Duas escadas que se desenvolvem a partir do centro e seguem em direção aos extremos do prédio, cobrindo toda a extensão da residência (fig. 45).

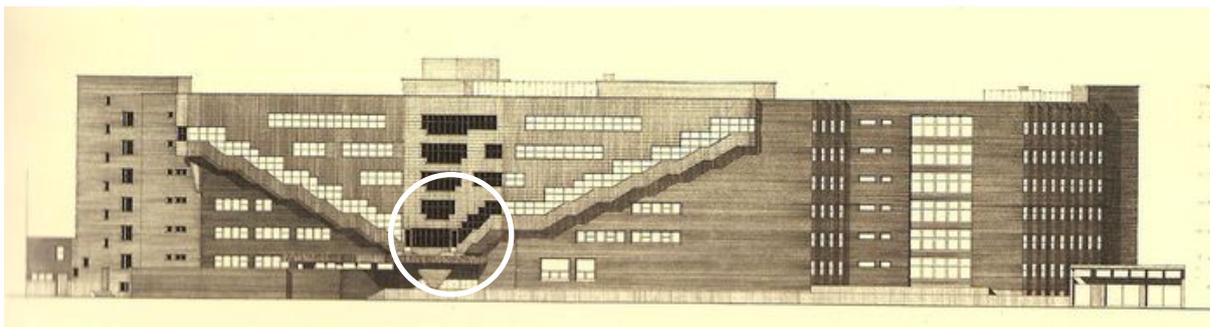


Figura 45 – ENCONTRO DAS ESCADAS (BAKER HOUSE)
FONTE: Modificado de KOJOVIC (s.d.).

3.2.5 Tratamento da Fachada

O edifício foi construído em alvenaria de tijolos vermelhos que, segundo o *site* Archdaily (2010), é sobreposto, na fachada norte do edifício, por elementos revestidos com argamassa que compreendem as grandes escadarias que se manifestam externamente através da fachada. Fazem parte, também, da composição da volumetria, segundo a fabricante de janelas Duratherm (2015), 800 janelas que originalmente eram de madeira, as quais foram substituídas por janelas de alumínio pintadas de cinza, dando espaço para as atuais janelas de teca e mogno.



Figuras 46 – FACHADA DE ALVENARIA DE TIJOLOS VERMELHOS (BAKER HOUSE)
FONTE: WAM (s.d.).



Figuras 47 – FACHADA DE ALVENARIA DE TIJOLOS VERMELHOS (BAKER HOUSE)
FONTE: MIT HOUSING (s.d.).

De acordo com Ray (2005), entre as várias manutenções realizadas no edifício, foram cogitadas alterações em sua estética a fim de aproximá-la às ideias originais de Alvar Aalto na época da concepção do dormitório, como por exemplo revestir o volume da escada na fachada norte com painéis metálicos. Mas todas as

modificações foram rejeitadas pelos arquitetos responsáveis pela manutenção, acreditando-se que a imagem do edifício já foi consolidada.

3.2.6 Estrutura

Segundo o Archdaily (2010), a construção do edifício foi feita inteiramente de alvenaria de tijolos, os quais sobrepuseram a base de pedra calcária, que configura o andar térreo e, por sua vez, as áreas comuns do dormitório. Grandes colunas estruturais de concreto, revestidas em gesso, erguem-se do térreo ao primeiro pavimento, sustentando o embasamento do prédio.

3.3 TIETGENKOLLEGIET

3.3.1 Histórico



Figura 48 – FACHADA (TIETGENKOLLEGIET)
FONTE: COTTER (2015).

Como criar um cenário ideal para uma comunidade de quase 400 alunos e, ao mesmo tempo, dar espaço para que os indivíduos se envolvam e se desenvolvam enquanto indivíduos? Este foi o desafio enfrentado em 2001 na construção do que mais tarde se tornaria o Tietgenkollegiet. (TIETGENKOLLEGIET, 2017).

Localizado em Copenhagen, na Dinamarca, o dormitório Tietgen, segundo o *site* Twisted Sifter (2012), teve suas obras finalizadas em 2006 e é capaz de abrigar 400 estudantes, em um estrutura de 7 andares e 360 quartos, distribuídos em 26.800 metros quadrados. Ainda segundo Twisted Sifter, o edifício em forma circular

– símbolo de igualdade e comunidade – guarda em seu interior um enorme pátio verde (fig. 49 e 50), configurando o coração do complexo.



O projeto é obra do escritório dinamarquês de arquitetura Lundgaard & Tranberg e vencedor do concurso financiado pela Nordea Fonden, a qual, segundo Olsen (2013), deu carta branca aos participantes do concurso, não especificando limites de *design* ou verba para a construção.

A justaposição entre o que é individual e o que é comunitário cria uma atmosfera única, como uma espécie de extensão do campus universitário e da convivência entre diferentes pessoas. O *site* da residência, Tietgenkollegiet (2017), lista quais foram as intenções dos arquitetos responsáveis pela obra, ao idealizar o edifício:

- a) Criar um edifício que se integrasse de forma harmoniosa ao entorno pré-existente e ao mesmo tempo criar um edifício de identidade independente;
- b) A forma do edifício deveria representar de forma clara e coesa a ideia central de comunidade da residência;
- c) Garantir transparência e acessibilidade;
- d) Alcançar condições iguais a todos os residentes, criando uma residência democrática;
- e) Enfatizar as visuais que o edifício pode ter da paisagem urbana; e
- f) Alcançar uma forma que seja simples e racional do ponto de vista construtivo, mas que seja, também, flexível ao espaço em constante mudança.

Em 2013, segundo Olsen (2013), a população residente do dormitório era 50% masculina e feminina em mesma porcentagem, na faixa etária entre 19 e 29 anos, podendo se hospedar apenas durante sua vida acadêmica.

3.3.2 Implantação

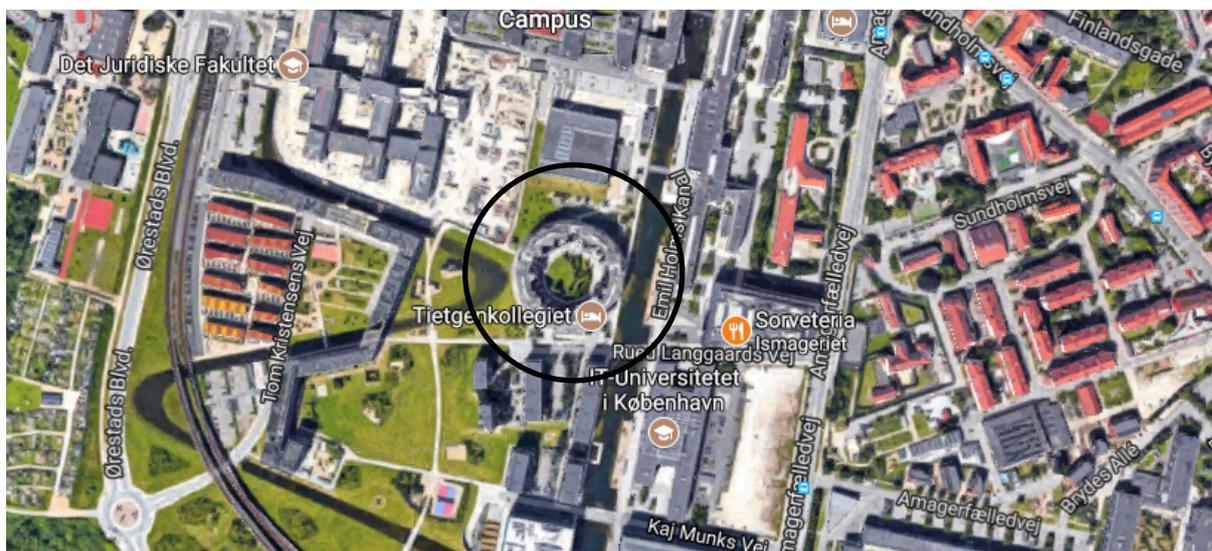


Figura 51 – SITUAÇÃO (TIETGENKOLLEGIET)
FONTE: GOOGLE MAPS (2017).

O edifício localiza-se em um bairro dinamarquês recém planejado, chamado Orestad Nord, lar de outros edifícios importantes como: *University of Copenhagen Amager*, *IT University of Copenhagen* e *DR Danish Broadcasting Corporation*. Perto do canal de dois rios, de áreas livres verdes e, também, de estações de metrô, de acordo com Tietgenkollegiet (2017), o morador consegue se conectar tanto à natureza quanto à cidade, ao mesmo tempo.

Apesar do dormitório estar inserido em um “campus” universitário, sua localização próxima ao centro da cidade de Copenhagen, aproximadamente 2,5 quilômetros, o integra com outros serviços auxiliares, que o conjunto não oferece. Esta constatação é reafirmada por uma residente em entrevista ao *site* Tietgenkollegiet:

“É ótimo estar tão perto da cidade e poder ir a quase todos os lugares de bicicleta. Mas é, também, muito bom ter o metrô perto quando está nevando [...]”. (STEPHANIE)

3.3.3 Programa

“A principal inspiração para o projeto é o encontro do coletivo e do individual, uma característica inerente da tipologia de dormitórios.” (LUNDGAARD e TRANBERG).

O edifício se destaca, entre outros de mesma categoria, por ter forma de um enorme prisma cilíndrico. Apesar dessa característica marcante, segundo o *site* Archdaily (2014), a individualidade dos módulos habitacionais é preservada pela forma como se expressam, fortemente, através de prismas trapezoidais (fig. 52) que, compostos por linhas retas, seccionam visualmente o edifício. Os primas trapezoidais se sobrepõem com diferentes recuos em relação à fachada e acabam por criar uma textura ao edifício, sendo que cada um deles configura um ambiente distinto.

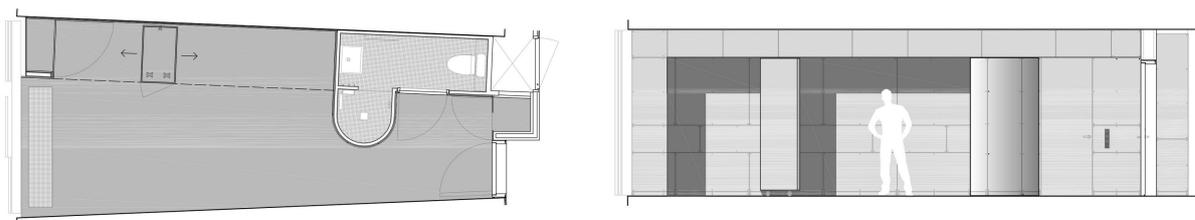


Figura 52 – PLANTA E CORTE DO QUARTO (TIETGENKOLLEGIET)
FONTE: ARCHDAILY (2014).

De acordo com o Archdaily (2014) e Twisted Sifter (2012), o edifício é dividido em 5 seções, configurando 5 torres de 7 andares. Em cada andar, 12 residências se organizam entorno de uma área comum e uma cozinha, os quais desempenham o papel central da residência. No total são 360 quartos de uma ou duas pessoas, sendo 60 deles exclusivos para moradores intercambistas, os quais são orientados para o exterior do edifício, enquanto as 30 cozinhas e espaços comuns são orientados para o pátio central interno.

Segundo Olsen (2013), as cozinhas de cada andar funcionam como espaços integradores dos edifícios, uma vez que, junto ao espaço comum de cada conjunto de 12 unidades de habitação, são abertos a toda comunidade residente. Os espaços comuns são caracterizados com funções distintas, o que permite o morador ter acesso a uma grande variedade de funções como, por exemplo, mesas de jogos, cinema e mesas de tênis.



Figura 53 – COZINHA / ÁREA DE CONVIVÊNCIA (TIETGENKOLLEGIET)
FONTE: ARCHDAILY (2014).



Figura 54 – COZINHA / ÁREA DE CONVIVÊNCIA (TIETGENKOLLEGIET)
FONTE: COTTER (2015).

Com a finalidade de servir de apoio às funções localizadas nos 6 pavimentos que o sucedem, o andar térreo abriga, praticamente em toda sua área, serviços complementares aos moradores. Segundo Twisted Sifter (2012), neste andar localizam-se salas de estudo, sala de computação, salas de músicas, lavanderia, café, bicicletário e academia, além das áreas externas que contemplam espaços para esportes.

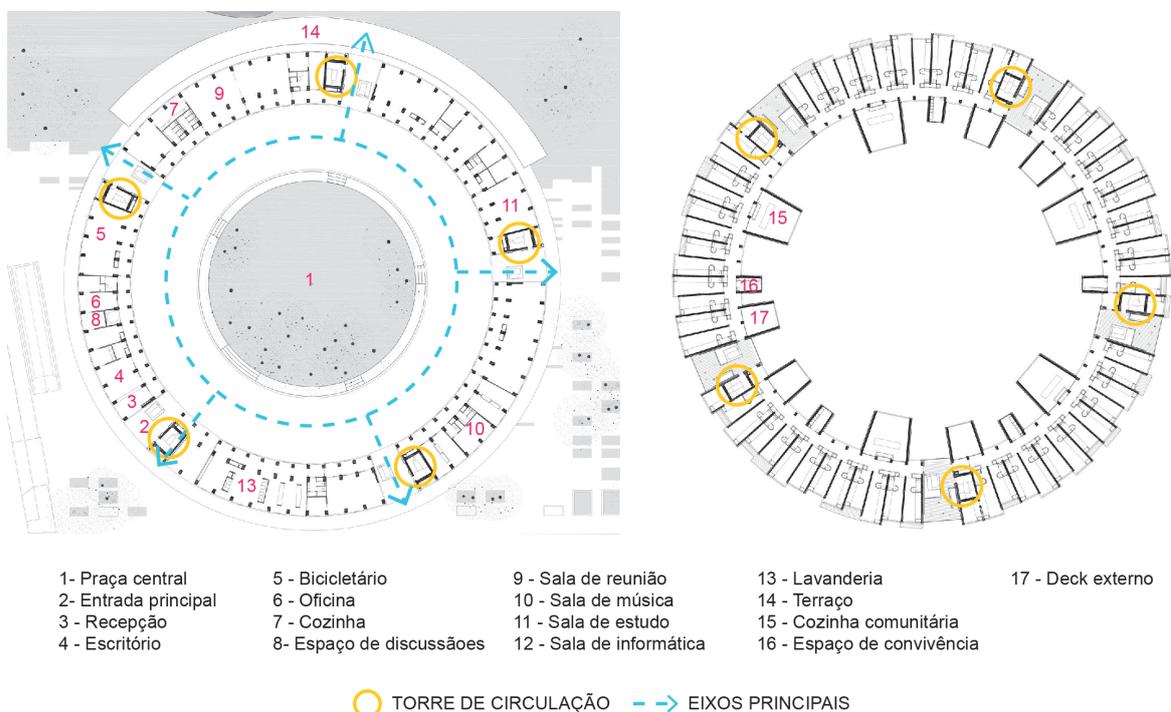


Figura 55 – AMBIENTENS, EIXOS E CIRCULAÇÕES (TIETGENKOLLEGIET)
FONTE: Modificado de ARCHDAILY (2014).

3.3.4 Acessos e Circulação

A divisão do edifício em 5 torres, permitiu que acessos e circulações verticais pudessem ser inseridas no intervalo de uma torre à outra. O núcleo de escadas de acesso aos andares residenciais e aos espaços comuns destes, se localizam nos entremeios do grande cilindro, que é o edifício. Estes entremeios não servem apenas como acesso às dependências da residência estudantil, como permitem moradores e visitantes acessarem, de maneira direta, o átrio central onde se localiza o pátio verde.

O fluxo, portanto, funciona como 5 eixos radiais que cortam o edifício transversalmente e se encontram no pátio interno (fig. 55).

3.3.5 Tratamento da Fachada

Segundo o *site* da instituição, Tietgenkollegiet (2017), além da característica circular marcante do edifício, a escolha de materiais utilizados no projeto é um de seus melhores atributos. Todo o edifício é revestido com placas metálicas *Tombak*⁵ e madeira (fig. 56).



Figura 56 – REVESTIMENTO METÁLICO (TIETGENKOLLEGIET)
FONTE: ARCHDAILY (2014).



Figura 57 – JANELAS E TERRAÇO (TIETGENKOLLEGIET)
FONTE: ARCHDAILY (2014).

⁵ *Tombak* é uma liga metálica composta por cobre e zinco que, com o passar do tempo, adquire tons mais escuros e quentes. (TIETGENKOLLEGIET, 2017)

Os quartos, que variam de 26 a 45 metros quadrados, e suas grandes janelas fazem parte da composição da fachada. Dispostos de maneira irregular, criam uma composição de “cheios e vazios”, e configuram uma textura tridimensional à fachada do edifício.

3.3.6 Estrutura

O edifício foi construído através de uma sobreposição de várias unidades de estrutura metálica que repousam sobre uma base de pilares e vigas. Segundo o *site* Twisted Sifter (2012), as cozinhas e áreas comuns do edifício, que chegam até 8 metros de profundidade, parecem flutuar sobre o ar, pois ambos se configuram por meio de estruturas independentes que se anexam aos pavimentos do prédio e permanecem em balanço.

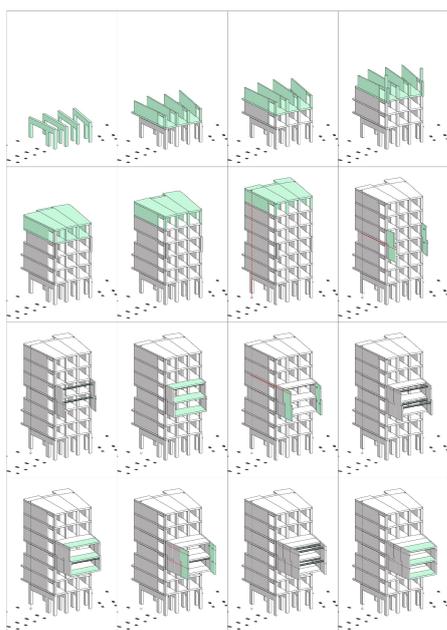


Figura 58 – ESTRUTURA ANEXA
(TIETGENKOLLEGIET)
FONTE: ARCHDAILY (2014).

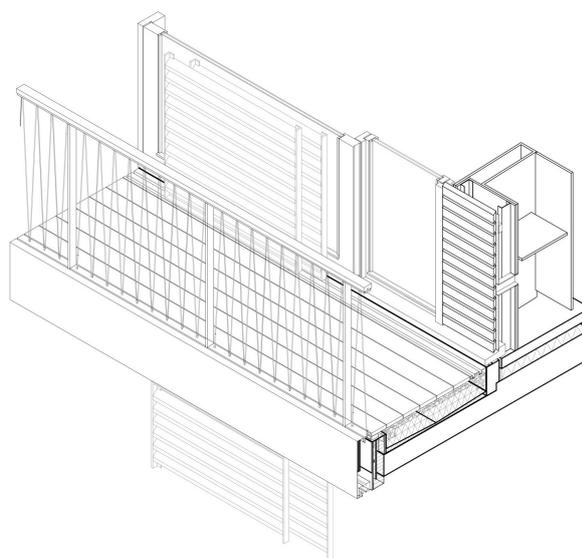


Figura 59 – DETALHE DA ESTRURA
(TIETGENKOLLEGIET)
FONTE: ARCHDAILY (2014).

3.4 CONSIDERAÇÕES

A partir dos estudos de caso, foi possível observar certa semelhanças entre eles, mas também algumas disparidades. Nota-se que cada um dos projetos se destaca por características marcantes que acabam por definir o programa dos projetos. O Simmons Hall, por exemplo, cumpre seu propósito em se tornar uma

“fatia da cidade”. Através de corredores largos em seu interior, conecta os vários serviços que oferece, sem que o morador precise se deslocar além dos limites do campus da universidade, onde o edifício se localiza. Já o Baker House, do arquiteto Alvar Aalto, faz referência ao organicismo e ao rio adjacente à residência, com uma implantação sinuosa, enquanto proporciona a melhor orientação dos quartos em relação à insolação e às visuais. Através de uma planta circular e um grande átrio central, por outro lado, o Tietgenkollegiet consegue aliar privacidade e interação entre os moradores, com fluidez e permeabilidade no andar térreo que tem como ponto principal a praça central.

Independente de suas particularidades, todos os correlatos estudados apresentam um aspecto em comum: uma dinâmica sustentada pela convivência. Seja por meio de átrios que cortam o edifício, por corredores que o percorrem de ponta a ponta ou por cozinhas funcionando como espaço de encontro, é possível afirmar que todas as residências analisadas proporcionam o encontro entre os moradores. Portanto, considera-se importante a adoção de estratégias arquitetônicas que garantam ao edifício características que proporcionem aos moradores uma vivência em comunidade, principal objetivo dessa tipologia de edifícios.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

O presente capítulo se propõe a analisar, em escala municipal de Curitiba, as moradias universitárias, objetivando estabelecer um panorama comparativo entre suas características, bem como observar potencialidades e pontos a serem revistos para a elaboração da etapa seguinte de anteprojeto. E com a finalidade de entender o contexto em que o projeto de moradia estudantil será implantada, será contemplado por este capítulo, também, a análise do bairro, onde se insere o terreno escolhido.

4.1 MORADIAS UNIVERSITÁRIAS EM CURITIBA

Em Curitiba estão presentes cinco casas de estudante tradicionais: a Casa do Estudante Universitário do Paraná (CEU), a Casa da Estudante Universitária de Curitiba (CEUC), a Casa do Estudante Luterano Universitário (CELU), a Casa do Estudante Nipo-Brasileira de Curitiba (CENIBRAC) e o Lar da Acadêmica de Curitiba

(LAC). A partir de entrevistas e levantamentos fotográficos realizados *in loco* pelo autor, estabeleceu-se um panorama geral sobre as características das habitações e sobre a visão e reivindicações dos moradores a respeito de sua moradia.

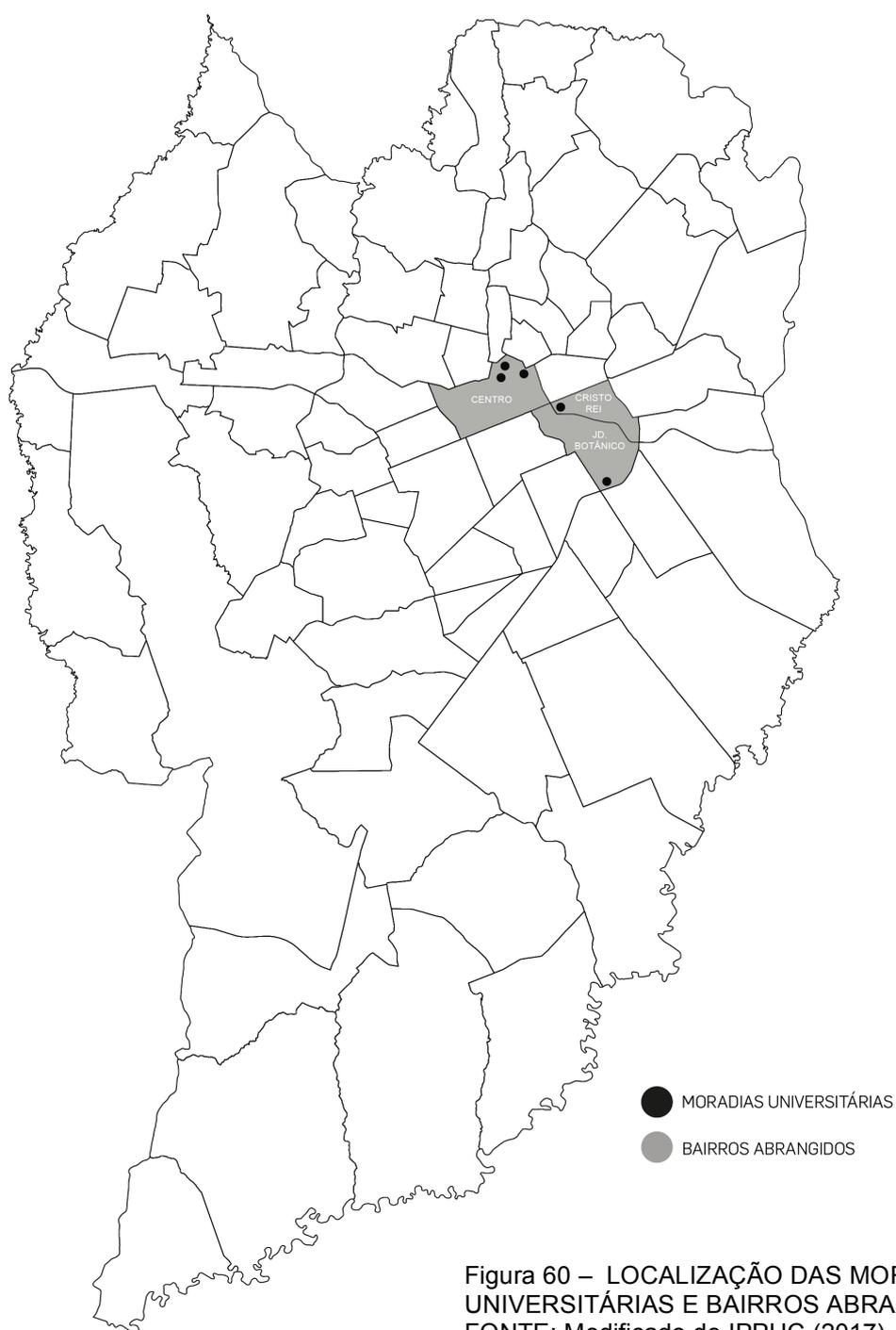


Figura 60 – LOCALIZAÇÃO DAS MORADIAS UNIVERSITÁRIAS E BAIRROS ABRANGIDOS
FONTE: Modificado de IPPUC (2017).

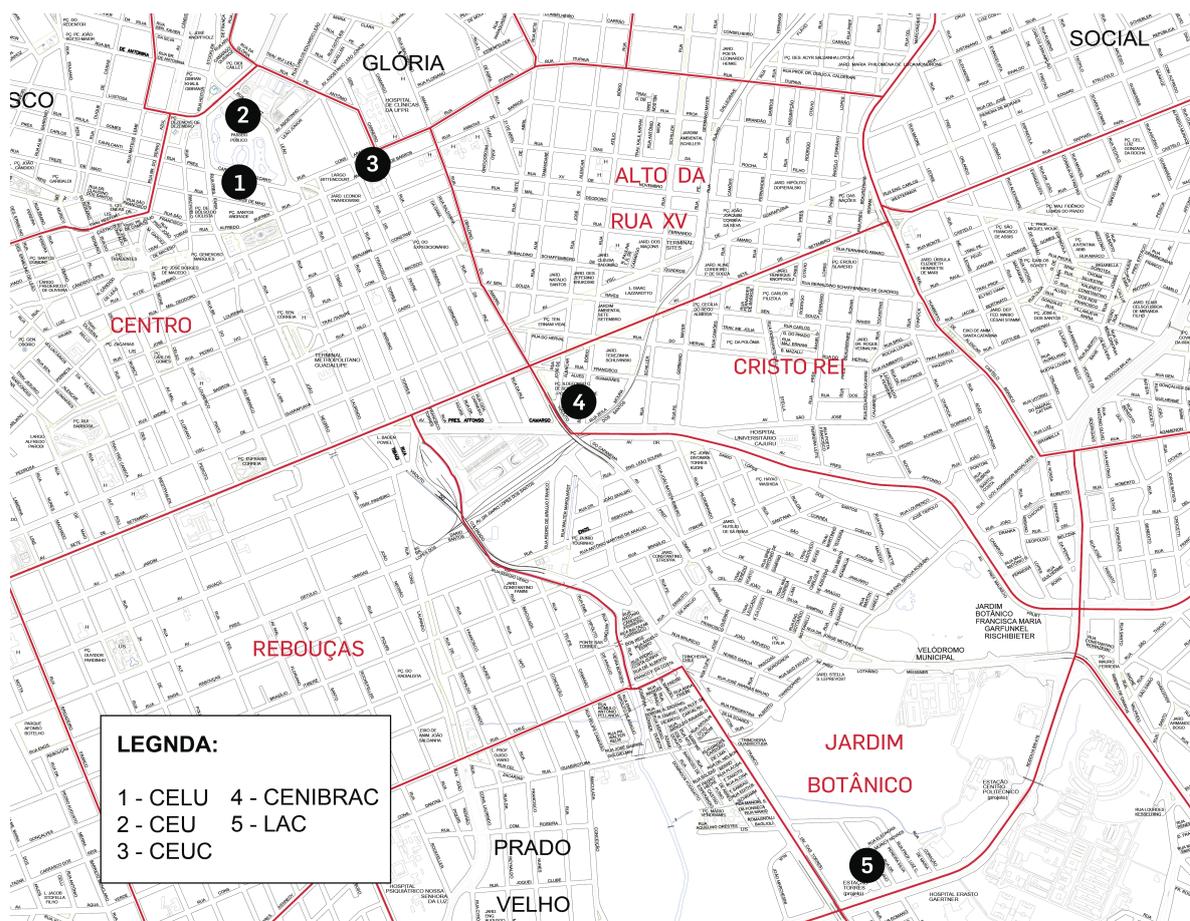


Figura 61 – RECORTE DA LOCALIZAÇÃO DAS MORADIAS UNIVERSITÁRIAS.
FONTE: Modificado de IPPUC (2017).

4.1.1 Casa do Estudante Universitário do Paraná (CEU)

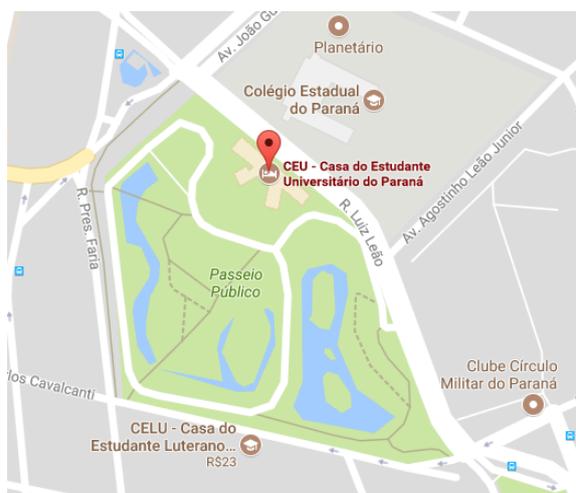


Figura 62 – SITUAÇÃO (CEU).
FONTE: GOOGLE MAPS (2017).



Figura 63 – FACHADA (CEU).
FONTE: IFPR (2017).

A Casa do Estudante Universitário do Paraná surgiu, segundo o *site* a partir da necessidade de suprir a carência de espaços que pudessem acolher estudantes residentes fora dos limites do município de Curitiba, fossem eles do interior, do litoral, de outros Estados ou de outros países. Essa ideia foi uma iniciativa de estudantes, os quais, sob a liderança de Oséas de Castro Neves, desenvolveram um projeto de implantação e o apresentaram a então primeira dama do Estado, Hermínia Lupion, a qual aderiu à ideia e a levou adiante.

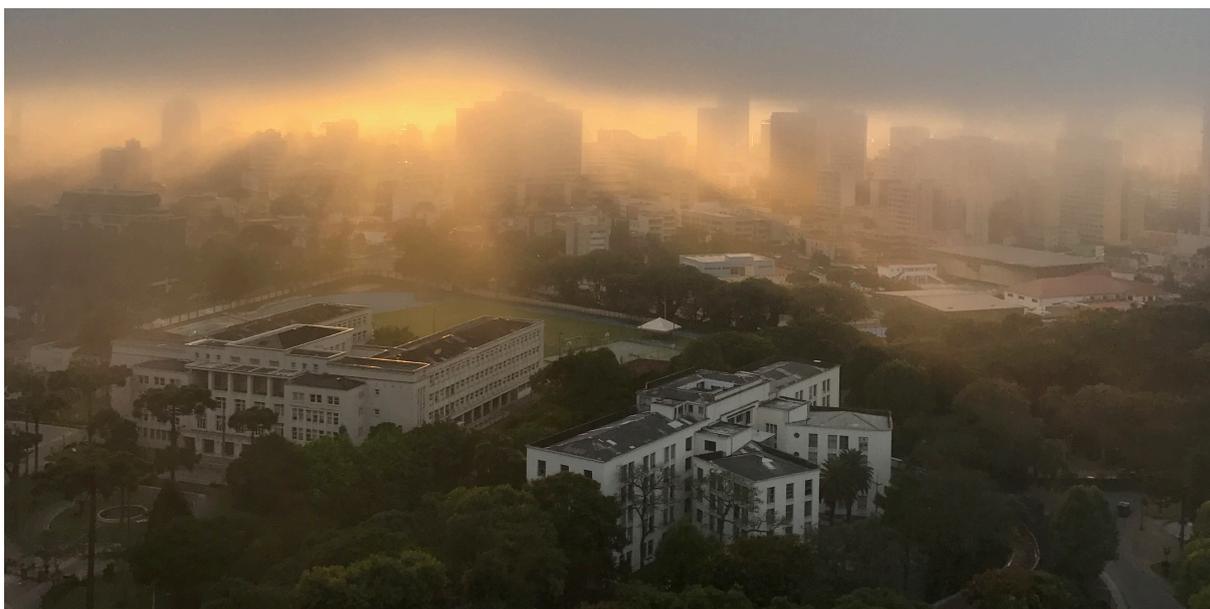


Figura 63 – VISTA AÉREA (CEU).
FONTE: O AUTOR (2017).

Em agosto de 1948, Lupion providenciou uma moradia provisória para 144 alunos, que ocuparam um edifício localizado na Avenida Luiz Xavier, onde antes funcionava um hotel. No ano seguinte, as obras da sede definitiva da CEU foram iniciadas a cargo do governo, localizada na Rua Luiz Leão, vizinha do Passeio Público e próxima a dois campi da Universidade Federal do Paraná: Reitoria e Prédio Histórico. Suas obras ficaram prontas em 1956, e a Casa do Estudante foi inaugurada dia 26 de abril desse ano. “Seus anos áureos e de grande prestígio social e político perduraram até a década de 1970, mas infelizmente entrou em decadência por diversos motivos”. (CEUPR, 2009).

O estudante de Engenharia Química da UFPR, Guilherme Alves Pereira, 24, é o atual vice-presidente da Fundação CEU e concedeu uma entrevista ao autor do presente trabalho. Pereira (2017) relatou que, atualmente, a Casa tem capacidade

para abrigar 380 estudantes, contudo, 100 dessas vagas foram impossibilitadas de serem ocupadas devido a realização de obras que acontecem desde 2007, em vários espaços do edifício, incluindo a cozinha e alguns quartos, e ainda não foram finalizadas. Há 3 anos, a Fundação abriu as portas para estudantes do sexo feminino que quisessem fazer parte da comunidade da residência, que anteriormente era restrita ao público masculino. Segundo Pereira (2017), há 250 estudantes habitando a CEU, e apesar dessa população não estar dividida igualmente entre meninos e meninas, pela quantidade restrita de alas femininas, a ideia é que, em um futuro próximo, se alcance uma proporção igual de público masculino e feminino.

Sobre o processo seletivo para o ingresso na Casa, Pereira (2017) explica que são abertos editais todo início de semestre, ocorrendo, portanto, a seleção de novos moradores duas vezes ao ano. As vagas não são restritas a estudantes de graduação apenas, sendo aceitos, também, alunos de pré-vestibular, mestrandos e doutorandos que apresentem vulnerabilidade econômica, sejam moradores de outras cidades, inclusive da região metropolitana de Curitiba, e estejam regularmente matriculados em alguma instituição de ensino. O estudante de engenharia reforça a necessidade do perfil do estudante ser condizente àquele exigido pelo Conselho Fiscal da Fundação, sendo levado em conta sua capacidade de se relacionar em grupo e estar disposto a colaborar com as atividades propostas pela organização da moradia. Não sendo necessário, portanto, que todas as vagas sejam preenchidas, caso não haja alunos suficientes que atendam os pré-requisitos.

Uma vez selecionado para fazer parte da comunidade, o morador se compromete a prestar, no mínimo, 8 horas de serviços mensais à Casa e contribuir com a mensalidade mediante um rateio mensal de gastos, que varia entre 250 e 300 reais, aproximadamente. O período máximo que um morador pode residir na casa é de 9 anos, com exceção aos alunos de pré-vestibular que só podem residir na CEU por um ano, contabilizados a partir do momento de seu ingresso na Casa, estando passível de expulsão caso não cumpra as regras de comportamento ou não atinja 50% de aprovação nas matérias regularmente matriculado

Os quartos, de acordo com o vice-presidente, estão distribuídos do primeiro ao sétimo andar entre as quatro alas presentes em cada um deles. Cada unidade tem aproximadamente 18m², e deve ser dividida entre dois moradores, estando a cargo destes a função de mobília-los, já que não apresentam mobília própria da

Fundação. Por ordem do corpo de bombeiros não é permitido a instalação de fogões e máquinas de lavar dentro dos quartos, mas outros eletrodomésticos fica a critério dos estudantes. Os quartos não possuem banheiros, os quais são de uso coletivo e se localizam no início do corredor de cada ala, no total de quatro alas por andar. No andar térreo, hóspedes são recebidos em um quarto que, segundo Pereira (2017), remete a organização de um hostel, no qual o público pode pernoitar sob o pagamento de uma diária que é revertida em verba para melhorias das dependências da Fundação.

Além do *hall* de entrada que desempenha a função de espaço de convivência, existem outros cômodos espalhados no corpo do edifício de uso coletivo que promovem o encontro dos moradores e servem de apoio às necessidades do cotidiano: sala de tv e cozinha, lavanderia, sala de estudos com biblioteca, salão de jogos, capela, quadra de esportes, salão cultural e salão nobre. De acordo com o entrevistado, a cozinha se encontra em estado provisório junto à sala de tv, devido as obras que perduram desde 2007 e é um dos espaços mais utilizados em toda a Casa. Em estado parecido estão o bicicletário e a garagem, ambos improvisados, já que não havia espaços projetados com essa finalidade de usos.

A Fundação CEU é uma Fundação privada de Interesse público, a qual é autogerida. Segundo Pereira (2017), houve um momento na história em que a UFPR fornecia subsídios aos alunos em vulnerabilidade econômica para que pudessem residir na CEU. Porém, atualmente, a Casa não está ligada à nenhuma instituição e mantém-se funcionando devido à verba proveniente das mensalidades e eventos de arrecadação. E para reduzir custos, todos os moradores desempenham funções nos departamentos da casa, como os de manutenção elétrica e limpeza.

Questionado sobre a localização da CEU na malha urbana de Curitiba, o vice-presidente afirma que ela está bem localizada em relação aos serviços, como: mercado, farmácia, restaurantes, hospitais e áreas de lazer. Contudo, sua localização central próxima ao Passeio Público traz aos moradores falta de segurança em seu entorno mais próximo.

Guilherme Alves Pereira acredita que a Fundação atenda as necessidades dos alunos e ainda promova a integração entre os moradores dos mais variados cursos de graduação, mas que a falta de recursos prejudica a qualidade dos espaços:

Os moradores se envolvem bastante com a casa e gostam de estar aqui. [...] se os espaços estivessem melhor estruturados, como certeza teria muito mais interação. (PEREIRA, 2017).



Figura 64 – HALL DE ENTRADA (CEU).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 65 – COZINHA PROVISÓRIA (CEU).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 66 – SALÃO NOBRE (CEU).
FONTE: O AUTOR (2017).

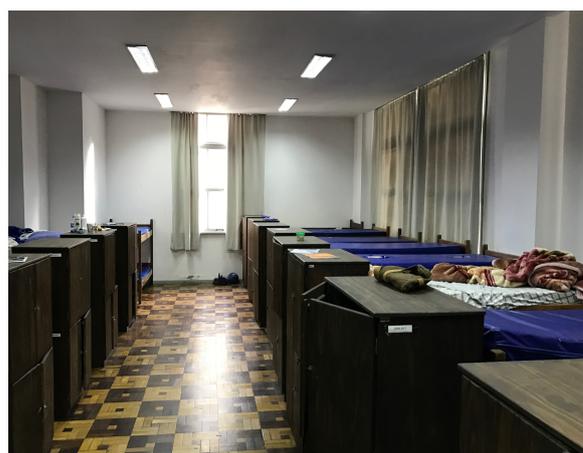


Figura 67 – ALOJAMENTO (CEU).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 68 – SALA DE INFORMÁTICA (CEU).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 69 – SALA DE TV (CEU).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 70 – BIBLIOTECA(CEU).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 71 – BICICLETAS NO CORREDOR (CEU).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 72 – LAVANDERIA INDUSTRIAL (CEU).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 73 – CHURRASQUEIRA (CEU).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 74 – CHUVEIROS (CEU).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 75 – SALÃO DE EVENTOS (CEU).
FONTE: O AUTOR (2017).

4.1.2 Casa da Estudante Universitária de Curitiba – CEUC



Figura 76 – SITUAÇÃO (CEUC).
FONTE: GOOGLE MAPS (2017).



Figura 77 – O EDIFÍCIO (CEUC).
FONTE: YELP (s.d.).

Entre as décadas de 50 e 60, Curitiba vivia um período, segundo Martins (1992), de intensa participação política estudantil, uma vez que os estudantes eram mais conscientes em relação ao papel necessário a ser desempenhados por eles em questões políticas propriamente ditas e quanto às atividades que pudessem dar assistência aos estudantes com problemas financeiros que chegavam à cidade, a qual acabara de se transformar em uma “Cidade Universitária”:

A “fervilhante” vida estudantil em Curitiba se dava principalmente pela presença de um grande número de estudantes vindos de outras cidades. Tal situação proporcionava uma intensa sociabilidade [...]. Além disso, “repúblicas” estudantis iam se formando bem como organizações [...]. Assim, o meio universitário de Curitiba ia se povoando cada vez mais de jovens rapazes e moças oriundos das mais diferentes regiões do Estado e do país e até mesmo de outros países, dando à cidade um movimento mais intenso. (MARTINS, 1992, p. 13)

Foi nesse cenário de representatividade vanguardista estudantil que surgiu a discussão da necessidade de uma casa de estudantes destinada às mulheres, já que a Fundação CEU recebia apenas estudantes do sexo masculino. Embora a presença feminina nas universidades se demonstrasse inferior a dos homens, segundo Martins (1992), cada vez mais, jovens mulheres saíam de casa em busca de uma profissionalização. Em 1952, foi organizada a Comissão Pró-Construção da Casa da Estudante Universitária de Curitiba, a qual procurava obter apoio de outros estudantes e tornar pública a ideia da construção da Casa. Dois anos após a formação da Comissão, a Casa da Estudante Universitária de Curitiba (CEUC) passou a funcionar em uma casa alugada, no centro da cidade, abrigando em torno

de 20 moradoras, administrada pela professora Dra. Maria Falce de Macedo, a primeira mulher a se formar em Medicina no Paraná, de modo que a Casa pudesse ter total autonomia em relação a qualquer instituição, ao mesmo tempo que não viesse a se tornar um pensionato. Portanto, conforme a obra de Martins (1992), desde sua criação a CEUC foi administrada por suas moradoras, embora recebesse ajuda financeira da Reitoria da Universidade e do governo do Estado

De acordo com o *site* CEUCPR (s.d), anos após sua fundação a CEUC foi transferida para um edifício maior, localizado na Rua Mariano Torres, a fim de atender um número maior de jovens. Na década de 60, então, com o planejamento da construção do Prédio da reitoria da Universidade Federal do Paraná, o projeto da Casa da estudante foi incluso, pelo Reitor, na planta de sua construção. Por fim, a CEUC foi instalada na Rua General Carneiro, sendo inaugurada como a maior casa do gênero da América do Sul, comportando 130 moradoras.

A estudante de Ciências Sociais e atual presidente da CEUC, Kathy Kathelen Fabrício Weiss, 21, em entrevista ao autor do trabalho, relatou que a Casa tem capacidade para receber 108 estudantes, e que atualmente há apenas uma vaga remanescente. Ainda, Weiss reafirma que os quartos são destinados, exclusivamente, à estudantes do sexo feminino pois segundo a presidente “a Casa foi uma conquista das meninas”.

Semestralmente, o Conselho da CEUC abre editais para a inscrição de futuras moradoras, que irão substituir a vaga daquelas que deixam a moradia, e apresentar vulnerabilidade econômica, não residir em Curitiba e estar regularmente matriculada na Universidade Federal do Paraná são pré-requisitos. Aprovada pela banca, a moradora terá que trabalhar em algum departamento, pré-estabelecido pela administração da comunidade de moradoras, durante o primeiro ano de sua estadia.

As dependências da Casa estão distribuídas em oito pavimentos, incluindo o térreo. Além dos quartos, os quais comportam até três moradoras, uma sala de estudos, uma sala de informática e uma sala de música compõe o conjunto de espaços de uso coletivo. Cada pavimento tem um funcionamento autônomo, uma vez que contemplam uma cozinha com lavanderia, uma sala de estar e dois banheiros coletivos. Apesar dessa configuração de pavimentos independentes, segundo Weiss (2017), o convívio não se limita às pessoas do mesmo andar, caracterizando a CEUC como “uma grande família”, e essa interação é facilitada por

eventos e assembleias sediadas pela casa de estudantes. A Casa ainda têm um pavimento dedicado à hospedagem de pessoas que pretendem permanecer na Casa por curto período, sejam elas intercambistas ou alunas de outras universidades que não a Federal do Paraná. A manutenção e limpeza de todos os espaços da casa é feita pelas próprias moradoras, com exceção do *hall* de entrada e das escadas que estão aos cuidados de uma empresa de limpeza terceirizada.

De acordo com a moradora, a CEUC ainda é vinculada à Reitoria da UFPR, a qual fornece subsídios à instituição, permitindo que a mensalidade seja reduzida a um valor simbólico de 25 reais. Esse vínculo implica, também, na necessidade de serem abertas ordens de serviço para se realizar a solicitação de qualquer material, reforma ou manutenção de que a Casa esteja precisando e, segundo Weiss (2017), esses processos costumam ser bastante demorados.

Questionada a respeito das condições do entorno da moradia universitária, a estudante de Ciências Sociais demonstrou-se bem satisfeita em relação a proximidade e fácil acesso aos serviços básicos, mas se preocupa quanto a segurança do local, pois ao anoitecer a região se torna perigosa e mal frequentada. Segundo ela, a situação tem melhorado com a abertura de um bar em frente à Casa, que trouxe mais movimentação e vida noturna ao local. Weiss acredita, ainda, que a localização no centro da cidade é um facilitador para a vida universitária que levam todas as meninas, uma vez que a Casa está localizada próxima a vários pontos de ônibus, inclusive a um ponto da linha Intercampi que as conduzem à todos os *campi* da UFPR.



Figura 78 – SALA DE TV (CEUC).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 79 – HALL DE ENTRADA (CEUC).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 80 – SALA DE ESTUDOS (CEUC).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 81 – ANDAR DE ALOJAMENTOS (CEUC).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 82 – PAVIMENTO TIPO (CEUC).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 83 – LAVANDERIA (CEUC).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 84 – ALOJAMENTO (CEUC).
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 85 – SALA DE INFORMÁTICA (CEUC).
FONTE: O AUTOR (2017).

4.1.3 Casa do Estudante Luterano Universitário – CELU

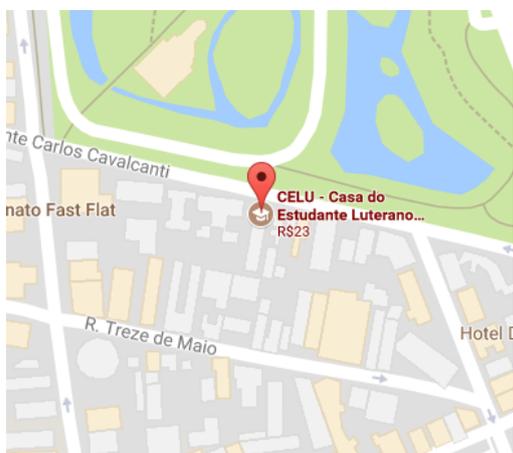


Figura 86 – SITUAÇÃO (CELU)
FONTE: GOOGLE MAPS (2017).



Figura 87 – FACHADA (CELU)
FONTE: STIEVANO (2017).

O primordial para a manutenção de um espaço é a ocupação desse espaço. (RODRIGUES, 2017).

A Casa do Estudante Luterano Universitário, segundo o *site* da própria instituição (CELU, 2015), é um órgão autônomo da Igreja Luterana do Brasil fundado em 28 de fevereiro de 1970, como um ideal do pastor Richard Wangen, o qual objetivava proporcionar um ambiente lúdico e humano que pudesse abrigar estudantes que viessem à Curitiba cursar o ensino superior.

A Casa localiza-se no bairro Centro de Curitiba, na Rua presidente Carlos Cavalcanti, em frente ao Passeio Público. O projeto só foi possível de ser concretizado com a doação do terreno pela família Hebert Kaehler, o apoio financeiro da Igreja Luterana e os projetos de *Evangelische Zentralstelle fur entwicklungshilfe E.V.* e *Profffurtie Welt*.

O estudante de Engenharia Civil, Aron Rodrigues, 23, é morador e presidente da atual gestão da CELU e concedeu uma entrevista ao autor do presente trabalho. Segundo Rodrigues (2017), a Casa tem capacidade para 84 moradores, mas, atualmente, apenas 74 vagas são ocupadas. Em uma estimativa feita pelo presidente, das vagas preenchidas, aproximadamente 55% são alunos da UFPR, 25% da UTFPR e o restante de outras universidades, desse total 10% alunos são estrangeiros e 90% são estudantes brasileiros vindos de outras cidades brasileiras, com exceção de cidades que fazem divisa com Curitiba, que não entram nos pré-requisitos do Conselho da residência.

O processo seletivo para novos moradores acontece semestralmente e é julgado por três bancas distintas: social, cultural e econômica. Apesar de ser levada em conta, a vulnerabilidade econômica não é primordial para a aprovação do estudante, pois, segundo o morador, as vagas não precisam estar necessariamente preenchidas, uma vez que o perfil dos inscritos é o principal a ser analisado, e é necessário que este se enquadre nas exigências das bancas, a fim de criar um ambiente onde todos os moradores possam conviver em harmonia e de modo cooperativo. Além do perfil, é necessário que o candidato seja do sexo masculino, esteja cursando o ensino superior e não seja residente de Curitiba. Após a aprovação pela banca, o aluno pode permanecer na casa durante um período equivalente a duração de sua graduação mais um ano.

De acordo com o presidente da CELU, os cômodos estão distribuídos em três andares mais o térreo. Os quartos, que comportam até dois moradores, estão dispostos nos andares superiores ao térreo, e em cada pavimento existe um banheiro coletivo. Além dos dormitórios, a Casa ainda tem uma sala de televisão, a qual, segundo Rodrigues (2017), tem um uso bastante intenso, uma churrasqueira, um salão social para eventos internos e externos, uma biblioteca, uma lavanderia industrial e uma cozinha provisória, que substitui a antiga cozinha que se encontra em reforma. Ainda, a Casa recebe hóspedes, sob o pagamento de diária, em um aposento localizado no térreo da residência destinado a este fim. Apesar de acreditar que os espaços de apoio internos são suficientes para atender as necessidades dos moradores, o estudante de Engenharia Civil acredita na necessidade de existir uma sala de música para que pudessem ser evitados conflitos entre os moradores por motivos de barulho entre quartos vizinhos.

A instituição CELU não é laica e está vinculada à Igreja Luterana, contudo, segundo Rodrigues (2017) e sustentado pelo *site* CELU (2015) a organização da Casa se dá por meio de uma autogestão pautada em escalas de poderes:

- a) Diretoria: é um órgão executivo da instituição, e é composta por oito membros eleitos em Assembleia Geral. Com por: Presidente, Primeiro Vice-Presidente, Segundo Vice-Presidente, Primeiro Secretário, Segundo Secretário, primeiro Tesoureiro, Segundo Tesoureiro e um Diretor de Departamento eleito para representar os diretores;
- b) Conselho Superior: constitui-se como órgão fiscalizador da moralidade administrativa. É responsável, também, por encaminhar projetos de

mudanças estatutárias endereçada à Assembleia Geral. Composto por: três membros de uma instituição Cristã Luterana, dois membros indicados pelos membros supracitados, um ex-morador da CELU e dois moradores efetivos;

- c) Conselho Fiscal: tem a função de vistoriar e fiscalizar as atividades da tesouraria. O conselho é composto pelos dois moradores membros do conselho superior e um morador eleito pela Assembleia Geral;
- d) Conselho Deliberativo: é um órgão disciplinador responsável pela manutenção da boa ordem social e zelador da moralidade entre os moradores. É composto por cinco moradores efetivos; e
- e) Departamentos: são oito departamentos, nos quais as atividades são desenvolvidas pelos próprios moradores. São eles: de alimentação, de bem-estar, de comunicação, cultural, de informática, de limpeza, de manutenção elétrica e pastoral.

Tendo em vista a autonomia da Casa em relação à qualquer instituição privada, o presidente relatou que toda a renda é proveniente da mensalidade paga pelos moradores, e esta, por sua vez, é balizada segundo um rateio realizado no início de todo o semestre e, segundo Rodrigues (2017), devido o rateio ser feito semestralmente e não mensalmente, como a maioria das casas de estudantes, é necessária a realização de uma programação muito mais acurada.

Em entrevista, Aron Rodrigues expôs quais as reivindicação e queixas mais frequentes dos moradores. E a necessidade da instalação de câmeras e a criação de uma portaria 24 horas estão no topo da dessa lista, já que têm ocorrido furtos nos ambientes internos da Casa e, portanto, os moradores reivindicam mais segurança.

Quando questionado sobre a localização da CELU, o presidente se mostrou bastante satisfeito, afirmando que “uma das grandes vantagens da Casa é a localização” (RODRIGUES, 2017), pois está implantada próxima aos grandes centros universitários e, caso contrário, tem fácil acesso às linhas de transporte público. Além disso, o estudante acrescentou que tão importante quanto estar perto de serviços e equipamentos é estar próximo à áreas de lazer.



Figura 88 – SALÃO SOCIAL (CELU)
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 89 – COZINHA EM REFORMA (CELU)
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 90 – CHURRASQUEIRA (CELU)
FONTE: O AUTOR (2017).

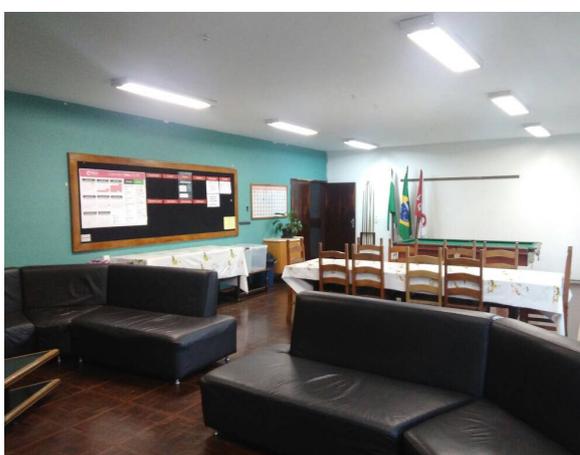


Figura 91 – SÃO DE JOGOS (CELU)
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 92 – ÁREA DE REFEIÇÕES (CELU)
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 93 – BIBLIOTECA (CELU)
FONTE: O AUTOR (2017).

4.1.4 Lar da Acadêmica de Curitiba – LAC



Figura 94 – SITUAÇÃO (LAC)
FONTE: GOOGLE MAPS (2017).



Figura 95 – FACHADA (LAC)
FONTE: O AUTOR (2017).

O Lar da Acadêmica de Curitiba foi fundado em 8 de Agosto de 1949 e, segundo *site* da instituição LAC (s.d.), recebeu inicialmente o nome de Casa Jucista de Universitárias de Curitiba, mudando para o atual nome apenas em 21 de Outubro de 1963. A Casa surgiu com a finalidade de amparar a comunidade do gênero feminino, através de uma moradia acessível que servisse de complemento à vida acadêmica das estudantes. A LAC localiza-se na Rua Dr. Salvador de Maio, no bairro Jardim Botânico, próxima ao campus Politécnico da UFPR.

A moradora Kelly Mendes Nascimento é a atual Vice-Presidente da Casa, cursa Medicina Veterinária na Universidade Federal do Paraná e concedeu uma entrevista ao autor do presente trabalho. Segundo Nascimento (2017), a LAC têm espaço para receber 40 moradoras estudantes (pré-vestibulandas, graduandas e pós-graduandas), acrescidas 10 vagas para meninas pensionistas. Na ocasião da entrevista, o número total de moradoras somava 35 e outras 8 pensionistas.

Os dormitórios estão dispostos nos dois pavimentos do edifício, térreo e primeiro, e comportam 2 moradoras. Além dos 20 quartos, dois dormitórios são destinados às pensionistas, com 5 camas cada. Os banheiros da Casa são todos de uso coletivo e existem dois em cada andar, ou em cada corredor de quartos. Também de uso comunitário são a cozinha e lavanderia e, segundo a moradora, aquela é o espaço mais utilizado da casa. Lugar onde a maioria das meninas interagem e conversam enquanto cozinham. A CELU ainda fornece duas salas de

televisão, uma sala de estudo, uma biblioteca e um refeitório, que promovem o convívio entre as moradoras.

Sobre o processo seletivo, a Vice-Presidente explicou que existem alguns pré-requisitos pautados no perfil das candidatas: ser mulher, estar regularmente matriculada em alguma instituição de ensino, estar em condição de vulnerabilidade econômica, ter vindo de outra cidade e que a personalidade da candidata seja condizente com o ambiente de cooperação e convivência pelo qual a Casa preza.

De acordo com de Nascimento (2017), a organização administrativa da LAC é realizada através de Conselhos (Administrativo e Fiscal) e outros quatro Departamentos: social, de alimentação, de jardinagem e de manutenção. Além de ser uma Casa de Estudante, a LAC recebe, também, o título de Fundação, uma vez que precisa prestar contas ao Ministério Público. Apesar desse vínculo, a verba é proveniente, apenas, da mensalidade fixa de 196 reais, e não recebe auxílio do governo, pois a Casa não tem o título de Instituição de Utilidade Pública; título esse, que a LAC está a providenciar. Para ajudar com a renda, as moradoras realizam anualmente uma Festa Junina para a arrecadação de verba para manutenção das dependências.

A localização da Casa na malha urbana de Curitiba é um fator que dificulta a vida das moradoras fora dos muros das universidades. Segundo a Vice-Presidente, a região é um pouco perigosa e deficitária em serviços, como farmácias e restaurantes. Contudo, Kelly Mendes relata que o acesso às universidades se dá de maneira descomplicada, já que existem várias linhas de ônibus que cercam a região. Em relação à segurança, tem havido uma melhora com a chegada de um bar que trouxe mais movimento à rua onde a LAC se localiza.

Quando questionada sobre as reivindicações mais frequentes, a entrevistada respondeu que elas estão, em sua maioria, relacionadas à estrutura do edifício que se apresenta um pouco danificada. Disse, ainda, que a maioria das moradoras utilizam a bicicleta como meio de transporte e que na Casa não há um bicicletário que possa atender a demanda.



Figura 96 – SALA DE ESTUDOS (LAC)
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 97 – QUARTO DE HÓSPEDES (LAC)
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 98 – BIBLIOTECA (LAC)
FONTE: O AUTOR (2017).

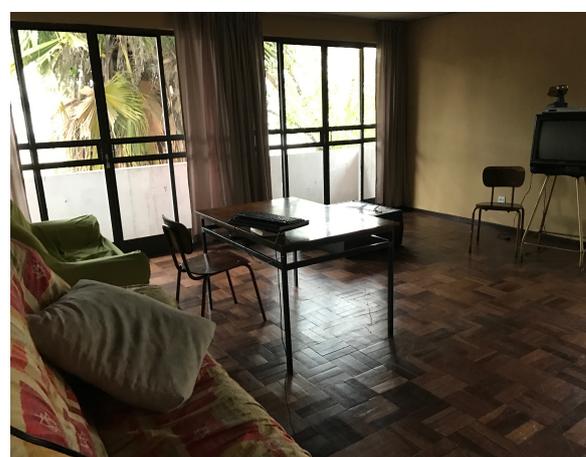


Figura 99 – SALA DE TV (LAC)
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 100 – REFEITÓRIO (LAC)
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 101 – COZINHA (LAC)
FONTE: O AUTOR (2017).

4.1.5 Casa do estudante Nipo-Brasileira de Curitiba – CENIBRAC

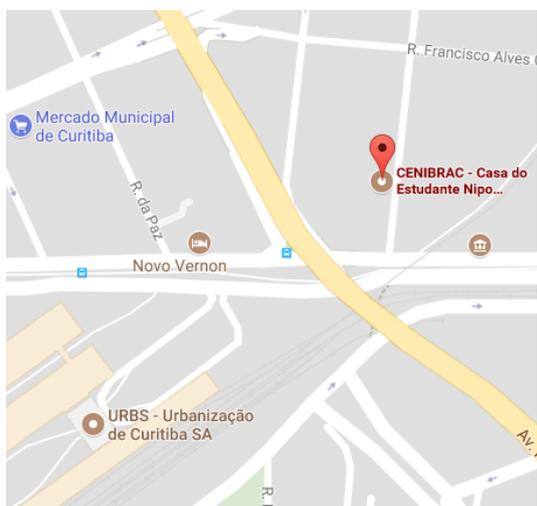


Figura 102 – SITUAÇÃO (CENIBRAC)
FONTE: GOOGLE MAPS (2017).



Figura 103 – FACHADA (CENIBRAC)
FONTE: JORNAL COMUNICAÇÃO UFPR (2017).

O projeto da Casa do Estudante Nipo-Brasileira de Curitiba (CENIBRAC), segundo o site Nippo Brasilia (2016), teve início no final de 1978, a partir da iniciativa do empresário Kenichi Honjo, o então Presidente da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, e da verba fornecida pela organização Iamic – responsável por fornecer assistência aos imigrantes japoneses. No início de 1979 a Casa foi inaugurada por Honjo, como nome de Mizuno Ryu, considerado o pai da imigração japonesa e, segundo a página da rede social da CENIBRAC, tem o objetivo de abrigar estudantes universitários do mundo inteiro. Está localizada na Rua Atílio Bório, no bairro Cristo Rei, próxima à rodoferroviária da cidade.

Os moradores Diogo Yuske Oba, Pedro Ken Miney e Letícia Sayuri Kanayama, são Presidente, Vice-Presidente e Tesoureira, respectivamente, e foram entrevistados pelo autor do presente trabalho. Segundo os moradores, a CENIBRAC tem capacidade para receber 58 pessoas, sejam homens ou mulheres e, atualmente, apenas 47 moradores ocupam essas vagas.

De acordo com Yuske, Miney e Kanayama (2017), os quartos, 28 unidades, estão dispostos linearmente em três corredores, nos três andares do edifício. Cada quarto comporta até duas pessoas e são, em sua maioria, suítes, com exceção de alguns que dividem o banheiro entre dois quartos. Todos os dormitórios são equipados com duas camas e duas escrivaninhas e, apesar de ser permitido acrescentar móveis ao *layout* original do quarto, os entrevistados afirmam que não

há espaço para tanto, pois os quartos têm dimensões bem pequenas. Além dos quartos, existem ainda outros cômodos que dão suporte aos moradores e promovem a convivência entre eles: cozinha industrial, lavanderia, salão de festas, sala de estar, sala de jogos, salas de estudos, sala de informática e *atelier* de arquitetura.

O processo seletivo, segundo Yuske, Miney e Kanayama (2017), acontece duas vezes ao ano, no início de cada semestre, e os candidatos são julgados por duas bancas que analisam seu perfil e julgam se o candidato se encaixa nos pré-requisitos para poder fazer parte de um ambiente que incentiva o convívio e a cooperação. Segundo os moradores, eles analisam se “a Casa é boa para a pessoa e se a pessoa é boa para Casa”. Por esse motivo, nem todas as vagas estão preenchidas, já que são selecionados apenas aqueles que tem o perfil para tanto. Uma vez aprovados, os novos moradores passam por um ano de adaptação e devem ocupar uma função dentro de um dos departamentos da Casa, para sua manutenção. De acordo com os entrevistados, as escalas de trabalho despertam o sentimento de coletividade dentro da residência – “O fazer minha parte”. (KANAYAMA, 2017).

A CENIBRAC é uma Casa de Estudantes de autogestão, ou seja, não é administrada por alguma instituição externa à Casa. Apesar de estar vinculada ao Nikkei - Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social – a CENIBRAC não recebe auxílio financeiro da Sociedade, sendo sua verba proveniente apenas das mensalidades pagas, as quais, por sua vez, são reajustadas mensalmente através de um rateio. Para a arrecadação de fundos, a Casa organiza anualmente festas e eventos, como o apoio do Nikkei. E, segundo Yuske, Miney e Kanayama (2017), a Casa tivesse um espaço destinado apenas à eventos de grande porte “seria muito menos desgastante”, já que muitos deles são realizados em espaços alugados e requerem deslocamento de equipamentos.

Sobre as considerações gerais a respeito da Casa, segundo a visão dos próprios moradores, a localização é privilegiada pois é bem servida de serviços e linhas de ônibus mas é um região perigosa. O Jornal comunicação (2015) da UFPR fez um levantamento das linhas de ônibus que servem a região da Casa e concluiu que são 10 no total: Circular Centro, Aeroporto/Centro, Cristo Rei, Menonitas, Cabral/Portão, Palotinos, Interhospitais, Pinhais/Rui Barbosa, Centenário/Rui Barbosa e Centenário/Campo Comprido.

Os estudantes entendem que a experiência de residir em uma Casa do estudante contribui para o crescimento pessoal do morador e incentiva o espírito de liderança, devido as trocas de experiência entre pessoas de diversos cursos de graduação e de diferentes cidades.



Figura 104 – SALA DE TV (CENIBRAC)
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 105 – SALA DE INFORMÁTICA (CENIBRAC)
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 106 – CORREDOR DE QUARTOS (CENIBRAC)
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 107 – ATELIÊ (CENIBRAC)
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 108 – COZINHA (CENIBRAC)
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 109 – SALÃO DE EVENTOS (CENIBRAC)
FONTE: O AUTOR (2017).

4.1.6 Considerações

A partir de uma análise comparativa entre as cinco moradias universitárias visitadas, apesar das particularidades de cada uma, há muitas semelhanças entre elas, principalmente no que tange à organização e administração das Casas. É percebido que em todas as moradias, os estudantes desempenham mais que a função de morador, e passam a participar de departamentos de manutenção e até da própria administração do espaço, com a finalidade de se manter uma gestão independente de qualquer instituição. A autogestão rege todas as cinco Casas, com exceção da CEUC, uma vez que, apesar de serem todas vinculadas à alguma organização, não dependem financeiramente destas. A CEUC é a única moradia universitária de Curitiba que ainda mantém uma relação de dependência com uma instituição, neste caso, com a Reitoria da UFPR.

A respeito do programa das residências, todas elas apresentam certa semelhança. O ponto mais discutidos, através das entrevistas realizadas, se deu em volta dos espaço de convivência e uso comunitário, e todas elas apresentam dependências para essa finalidade, mas se diferem em relação a disposição no corpo do edifício – mais ou menos próximos ao quartos. A moradora Letícia Kanayama defende, contudo, a maior proximidade entre os quartos e as áreas de convívio, já que o afastamento faz com que “os moradores fiquem isolados nos quartos”. (KANAYAMA, 2017).

Sobre a capacidade de moradores todas as casas mantém uma média de 73 moradores, com exceção da CEU, que se destaca por sua capacidade de abrigar 280 estudantes. Ainda, é constatado ser mais comum a segregação do público baseado pelo sexo do morador, levando em consideração que os únicos a aceitarem um público misto são a CEU e a CENIBRAC, sendo que a CEU passou a aceitar mulheres como moradoras somente há poucos anos. A tabela a seguir evidencia o nível do caráter comunitário dos espaços considerados essenciais e mínimos à qualquer moradia universitária, além de reafirmar a necessidade de um bicicletário que se apresenta inexistente em todas elas:

QUADRO COMPARATIVO					
	CEU	CEUC	CELU	LAC	CENIBRAC
Nº de vagas	280	108	84	40	58
Capacidade do Quarto	2	3	2	2	2
Público	Misto	Feminino	Masculino	Feminino	Misto
Banheiro	4 por andar	2 por andar	1 por andar	2 por andar	1 por quarto
Cozinha	1 comunitária (improvisada)	1 por andar	1 comunitária (em reforma)	1 comunitária	1 comunitária
Lavanderia	1 comunitária	1 comunitária	1 comunitária + 1 máquina de lavar por banheiro	1 comunitária	1 comunitária
Bicicletário	Inexistente	Inexistente	Inexistente	Inexistente	Inexistente

Quadro 02 – QUADRO COMPARATIVO ENTRE AS MORADIAS ESTUDANTIS DE CURITIBA
 FONTE: O AUTOR (2017).

Quanto à localização na malha urbana de Curitiba, todas as residências apresentam certa proximidade com o centro da cidade, salvo a LAC que se encontra em área afastada, no cruzamento da BR-116 com a Avenida das Torres. A proximidade com o bairro Centro é entendida, segundo a visão dos moradores entrevistados e do autor do presente trabalho, como um aspecto favorável, uma vez que o bairro é rico em serviços. Atenta-se, também, ao fato de que todas as Casas do Estudante localizam-se fora dos campi universitários.

4.2 BAIRRO REBOUÇAS

A escolha do bairro para a implantação do projeto de moradia universitária baseou-se em alguns aspectos que pudessem facilitar o cotidiano dos moradores: presença de serviços auxiliares no entorno imediato, distância em relação às principais universidades e acesso ao transporte público. O bairro escolhido foi o Rebouças, localizado próximo ao centro da cidade, contempla várias instituições de ensino superior dentro de seus limites ou próximos a ele, além de ser uma região com infraestrutura de comércio e serviços e fazer parte da rota de uma grande quantidade de linhas de ônibus.

O bairro Rebouças, segundo o Instituto de Pesquisa e Planejamento urbano de Curitiba (2015), tem sua origem marcada pelos primórdios da industrialização de Curitiba, sendo local da instalação da Estação Ferroviária, na década de 1880, a qual, por sua vez, foi responsável pelo transporte de matérias primas, advindas de

outras cidades paranaenses. Conforme o IPPUC (2015), no início dos anos 1900, o bairro Rebouças recebeu o título de setor industrial e consolidou-se perante a legislação urbanística da cidade, uma vez que era a grande responsável pela entrada e saída de mercadoria, o que favoreceu a instalação de diversas empresas de diferentes áreas de produção. Entretanto, na década de 1960, percebido que o bairro não poderia abrigar mais indústrias, devido seu impacto negativo sob os rios da região, foi criada a Cidade Industrial de Curitiba (CIC), nos anos 1970, a fim de abrigar grande parte das indústrias que, anteriormente, faziam parte dos limites do Rebouças.

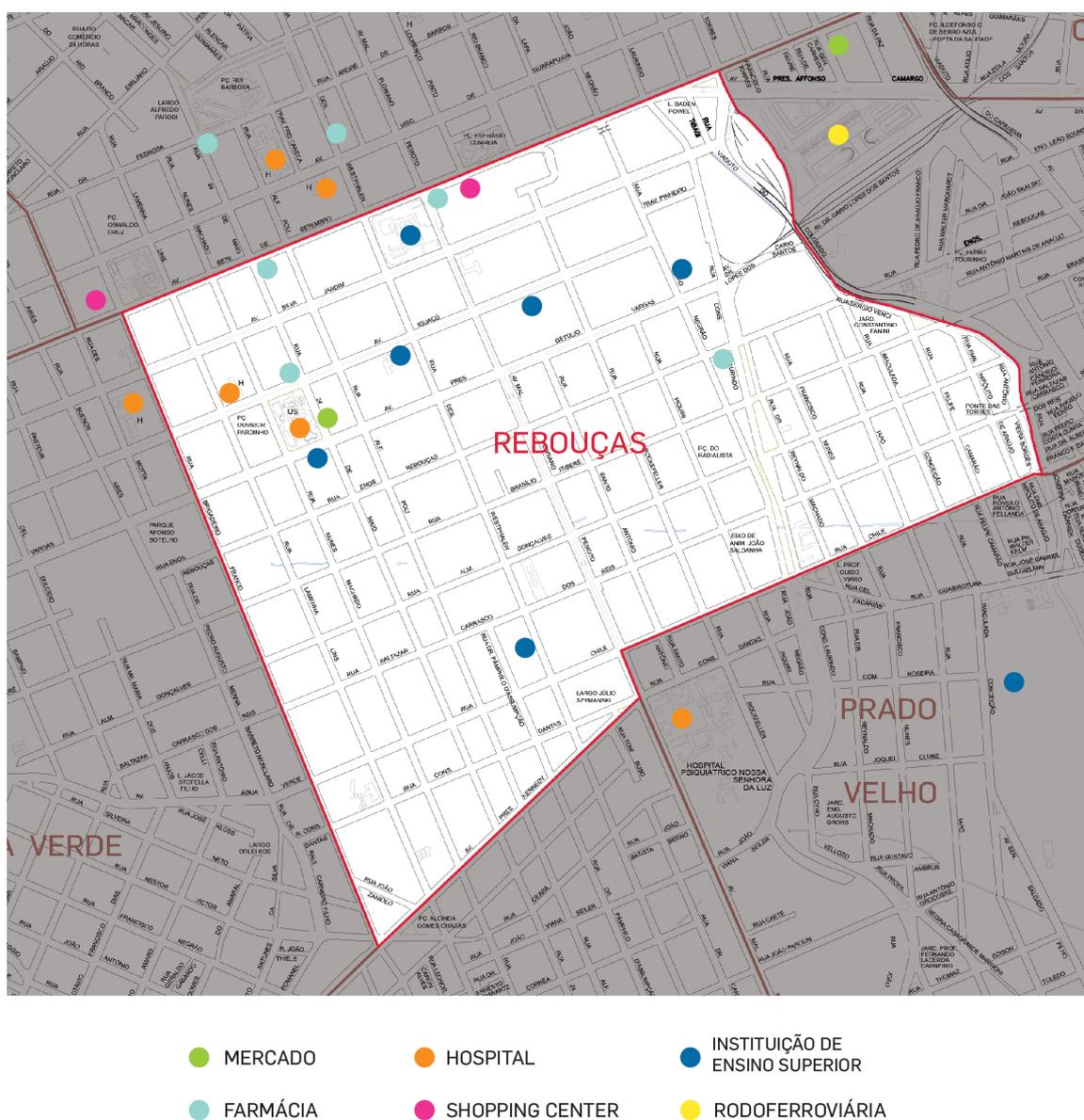


Figura 110 – PONTOS DE INTERESSE NO BAIRRO REBOUÇAS.
FONTE: Modificado de IPPUC (2017).

O Rebouças, segundo IBGE (2010) apud IPPUC (2015), compreende uma área de 297 hectares, correspondente a 0,68% do território de Curitiba, e faz fronteira com cinco outros bairros: Água Verde, Centro, Jardim Botânico, Prado Velho e Parolin. Em 2010, a densidade demográfica do bairro era de 50,19 habitantes por hectare, de um total de 14.888 habitantes, sendo em sua maioria mulheres e jovens de 20 a 24 anos. O bairro, segundo a Secretaria Municipal de Planejamento, Finanças e Orçamento da Prefeitura Municipal de Curitiba (2011) apud IPPUC (2015), caracteriza-se pela vasta presença de comércios e serviços, e se anteriormente o bairro era cerne de grandes indústrias, atualmente esse setor corresponde a apenas 8,85 % de sua atividade econômica. Ainda, a partir da análise das linhas de ônibus ativas em Curitiba, é possível perceber que o bairro é bem servido deste modal de transporte, aspecto importante, considerando que a grande maioria dos estudantes utiliza o meio de transporte público para se locomover dentro e fora da cidade, principalmente no trajeto de casa à universidade e vice-versa.

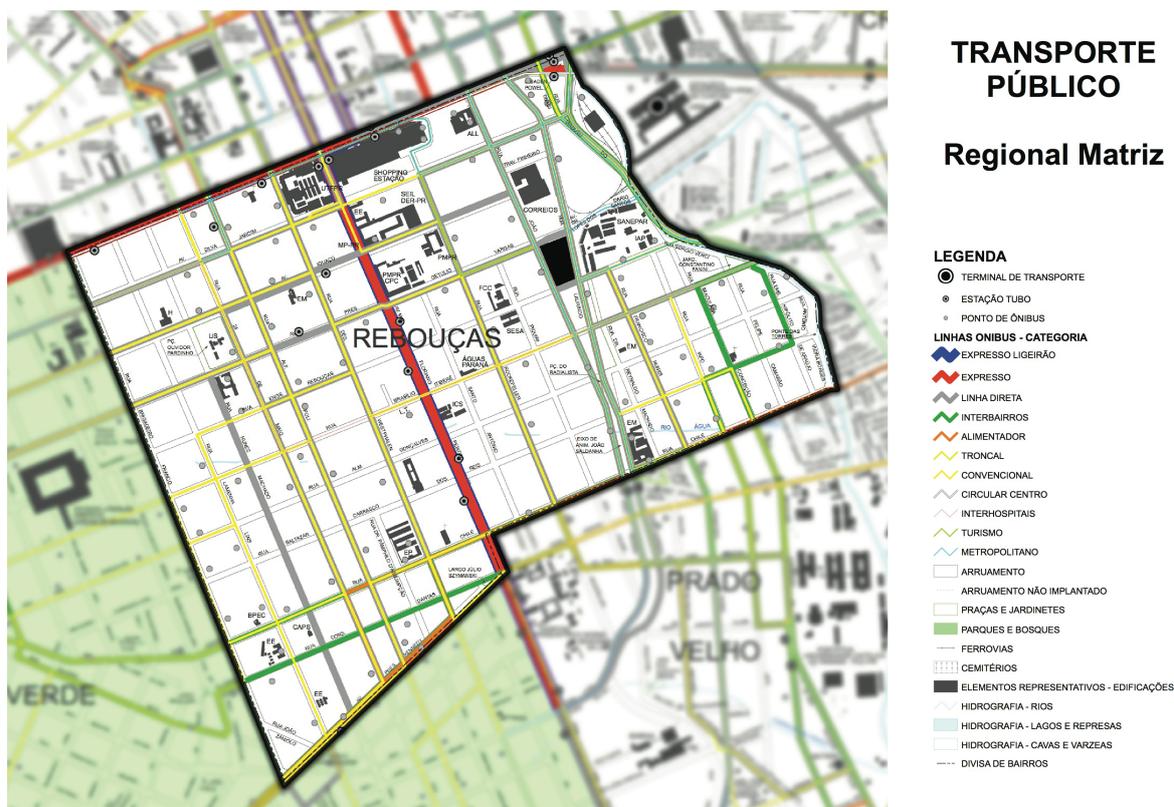


Figura 111 – LINHAS DE ÔNIBUS ATUANTES NO BAIRRO REBOUÇAS.
FONTE: Modificado de IPPUC (2017).

De acordo com Ferreira, Nucci e Valaski (2014), como herança histórica da época em que o bairro abrigava a área industrial curitibana, o Rebouças ainda concentra muitos galpões industriais, em situação de uso ou não. Estas edificações, segundo classificação estabelecida por Ferreira, Nucci e Valaski (2014), correspondem à categoria, da qual fazem parte escolas, igrejas, estádios, hipermercados, shoppings, etc., e que somam aproximadamente 10% das áreas de cobertura de terra do bairro. Os autores afirmam que o solo na área compreendida dentro dos limites do bairro apresenta-se intensamente impermeabilizado. Ainda, segundo a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (2010) apud IPPUC (2015), as áreas verdes do bairro correspondem a 0,25% das áreas verdes de Curitiba, inclusos nessa porcentagem apenas duas praças e nenhum parque. Contrariando a expectativa que se tem de uma área localizada em região central do município, segundo Ferreira, Nucci e Valaski (2014), as áreas exclusivamente com edificações de mais de quatro pavimentos correspondem a apenas 1,6% da área do bairro, e de um modo geral as edificações são de baixo gabarito.

A partir da análise de imagens de satélite, é possível observar que a área do bairro é bastante adensada. Entretanto, existe uma proporcionalidade entre as áreas edificadas e áreas não edificadas e, na grande maioria das vezes, estas encontram-se no meio de quadras, e caracterizam-se como vazios urbanos e, conseqüentemente, não desempenham funções atrativas ao bairro. É entendido, portanto, que as potencialidades do bairro podem ser melhor exploradas, trazendo novos usos à uma região já consolidada, porém subutilizada, estimulando maior rotatividade de pessoas e dinâmica ao espaço urbano.

5 DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO

Neste capítulo do trabalho, o estudo se restringe a uma escala ainda menor a ser representada: a do terreno e suas características. Tem-se como objetivo explorar as justificativas que levaram à escolha do local para a implantação do projeto, bem como suas potencialidades e aspectos a serem aprimorados, através de estratégias projetuais. É intenção deste capítulo, também, estabelecer um programa de necessidades para moradia estudantil, que tenha relação com a realidade da região que receberá a intervenção, e com as condicionantes estabelecidas ao longo deste trabalho a partir do levantamento de correlatos e da análise da realidade.

5.1 O TERRENO



Figura 112 – IMAGEM AÉREA DO TERRENO ESCOLHIDO.
 FONTE: Modificado de GOOGLE MAPS (2017).

O poeta mineiro, Carlos Drummond de Andrade, em seu poema “Casa Arrumada” descreve casa como um lugar em que se possa viver e ser livre, apesar da organização, limpeza, boa circulação e entrada de luz, “tem que ser casa e não um centro cirúrgico”. (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, s.d.). Entende-se a moradia universitária, portanto, como um espaço que contemple mais do que apenas dormitórios, onde os moradores passam a noite. Ela deve servir como um centro integrador que forneça apoio ao estudantes, suprimindo suas necessidades diárias básicas, e que, também, extrapole esses limites e possa oferecer espaços complementares de uso tanto dos estudantes como da comunidade geral. Logo, defende-se a ideia da inserção de uma moradia universitária que possa interagir com seu entorno e que, ao mesmo tempo, garanta privacidade aos moradores e possa ser permeável, servindo como um ponto de encontro da região e não se limite a um edifício isolado da paisagem.

O bairro Rebouças, como supracitado, tem sua origem marcada pelo uso industrial, devido sua trajetória histórica ligada ao início da ocupação de Curitiba. Por esse motivo, trata-se de uma área consolidada, cujos lotes são, em sua maioria, subutilizados ou abrigam galpões industriais e, mesmo que em região central da cidade, não acompanhou o desenvolvimento de seu entorno. Entende-se, portanto, que o Rebouças tem grande potencial para receber novos usos, através dos quais

busca-se incentivar melhor aproveitamento e vivência dos espaços pelo público geral, trazendo vitalidade à uma área tão valorizada, porém pouco explorada.

O terreno escolhido para a receber a intervenção, se configura como uma quadra delimitada pela Rua João Negrão e pelas avenidas Engenheiros Rebouças, Conselheiro Laurindo e Getúlio Vargas. O lote é ocupado, atualmente, pela Cavo, empresa que desempenha a coleta de resíduos sólidos de Curitiba. Sua dimensões aproximadas são: 140 m x 65 m x 143 m x 92 m. E totalizam uma área de aproximadamente 11.295 m². Tanto o uso quanto o modo como o terreno é ocupado não são atrativos à proposta de revitalização da área, uma vez que todas as testadas são todas muradas, impedindo a fluidez e permeabilidade do espaço. Entende-se, também, que esse uso pode ser relocado sem grandes prejuízos à qualquer lugar da cidade, já que não faz-se necessário interação com seu o entorno imediato.



Figura 113 – MAPEAMENTO DE USOS DO ENTORNO IMEDIATO AO TERRENO.

FONTE: Modificado de IPPUC (2017).



Figura 114 – AV. GETÚLIO VARGAS COM R. JOÃO NEGRÃO.
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 115 – TESTADA R. JOÃO NEGRÃO
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 116 – R. JOÃO NEGRÃO COM AV. ENGENHEIROS REBOUÇAS
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 117 – AV. ENGENHEIROS REBOUÇAS
COM R. CONSELHEIRO LAURINDO
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 118 – R. CONSELHEIRO LAURINDO
COM AV. GETÚLIO VARGAS
FONTE: O AUTOR (2017).



Figura 119 – TESTADA AV. GETÚLIO VARGAS
FONTE: O AUTOR (2017).

De acordo com o decreto 183/2000, artigo 1º, a moradia estudantil deve ser classificada como Habitação de Uso Institucional – edificação destinada à assistência social, onde se abrigam estudante, crianças, idosos e necessitados. O terreno em estudo localiza-se na Zona Residencial 4 – ZR-4 – que classifica a Habitação de Uso Institucional como permitida, e apresenta os seguintes parâmetros de ocupação:

ZONA RESIDENCIAL 4 - ZR-4						
PARÂMETROS DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO						
OCUPAÇÃO						
COEF. APROV.	TAXA OCUP. MÁX. (%)	ALTURA MÁX. (PAV.)	RECUO MÍN. ALIN. PREDIAL (m)	TAXA PERMEAB. MÍN. (%)	AFAST. DAS DIVISAS	LOTE MÍN. (Testada x Área)
2	50%	6	5 m	25%	Até 2 pav. = Facultado Acima de 2 pav. = H/6 atendido o mínimo de 2,50 m	15 x 450

Quadro 03 – PARÂMETROS DE OCUPAÇÃO DO SOLO – ZR-4
FONTE: GUIA AMARELA (2017).

5.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

Segundo a obra de Neufert (2017), em geral, os conjuntos residenciais para estudantes se constituem através de conjuntos com 20 a 30 unidades agrupadas em torno de pátios centrais somando, aproximadamente, 80 unidades. Levando em consideração a suposição do autor, de que cada quarto pode comportar no máximo dois moradores, e ter como capacidade total 160 moradores.

O presente trabalho, todavia, pretende abranger um número maior vagas para estudantes, do que o proposto por Neufert (2017), uma vez que, no contexto de Curitiba, as moradias estudantis existentes suprem apenas 5,6%, aproximadamente, da demanda de alunos provenientes de outras cidades (com base nos dados da tabela 01). Além dos dormitórios, é previsto, também, a criação de espaços para o uso da comunidade, a fim de trazer vida à região e fazer bom uso de um terreno de proporções avantajadas.

Portanto, tendo em vista um terreno de grandes proporções, optou-se pela organização do projeto em três setores:

- a) Setor de Moradia: área compreendida por dormitórios e áreas comuns, de uso restrito aos moradores;
- b) Setor Cultural: espaços atrativos de uso compartilhado entre moradores e o público geral; e
- c) Setor de Comércio e Serviços: serviços básicos para o auxílio da comunidade estudantil e do público geral.

A partir dessa organização, a seguir, são propostos quadros de áreas de ambientes mínimos divididos em setores, cujo o autor do trabalho julga serem necessários para a implantação de uma moradia e centro universitário.

5.2.1 Setor Moradia

É proposto, para este setor, quartos duplos com dimensões de 18 m², baseando-se no pré-dimensionamento trazido por Neufert (2017). Além de alojamentos para quatro pessoas que possam receber hóspedes e moradores que estejam em fase probatória. Para cada par de quartos, um banheiro é disponibilizado para o uso de quatro moradores em conjunto.

Os espaços de apoio e de uso comunitário (cozinha, refeitório, lavanderia, biblioteca, sala de estudos, ateliê, sala de informática, salão de jogos, sala de música e sala de TV) serão dispostos em pavimentos distinto àqueles que receberão os dormitórios, a fim de que seja estimulado a convivência entre os moradores e evite a segregação interna da comunidade estudantil.

Como ponto de partida, o *hall* de entrada dará acesso a todos os cômodos e circulações do edifício. Este acesso estará restrito aos moradores, sendo permitido o acesso do público geral aos aposentos da Casa apenas mediante ao controle da recepção.

SETOR MORADIA			
AMBIENTE	QUANTIDADE	ÁREA (m ²)	ÁREA TOTAL (m ²)
Hall/Recepção	1	80	80
Administração	1	130	130
Quartos (2 pessoas)	150	18	2.700
Alojamento (4 pessoas)	4	40	160
Banheiro (Quartos)	75	6	450
Banheiro (Alojamento)	4	25	100

Cozinha	1	80	80
Refeitório	1	200	200
Lavanderia	1	150	150
Lixo e Depósito	1	80	80
Biblioteca	1	150	150
Sala de Estudos	4	100	400
Sala de Informática	1	120	120
Salão de Jogos	1	100	100
Sala de Música	1	80	80
Sala de TV/Sala de Estar	1	80	80
Ateliê	1	120	120
TOTAL			5.180 m²

Quadro 04 – PRÉ-DIMENSIONAMENTO DO SETOR MORADIA
 FONTE: O AUTOR (2017).

5.2.2 Setor Cultural

Neste setor são previstos espaços que possam ser usufruídos tanto pela comunidade de estudantes, como pelo público geral. Entende-se que o crescimento intelectual e social do estudante, durante sua vida acadêmica, depende, também, de atividades desenvolvidas fora dos muros da universidade e, por isso, espaços destinados à arte e à atividades lúdicas se fazem importantes na configuração do programa de necessidades.

SETOR CULTURAL			
AMBIENTE	QUANTIDADE	ÁREA (m ²)	ÁREA TOTAL (m ²)
Hall/Recepção	1	80	80
Administração	1	80	80
Auditório	1	250	250
Salão de Eventos	2	180	360
Galeria de exposições	1	150	150
Banheiro	2	35	70
TOTAL			990 m²

Quadro 05 – PRÉ-DIMENSIONAMENTO DO SETOR CULTURAL
 FONTE: O AUTOR (2017).

5.2.3 Setor de Comércio e Serviços

Além de aproximar serviços auxiliares aos moradores da Casa de Estudantes, este setor busca trazer nova vida à região através de espaços que possam alterar seu caráter industrial, com uma maior movimentação de pessoas durante o dia.

SETOR DE COMÉRCIO E SERVIÇOS			
AMBIENTE	QUANTIDADE	ÁREA (m ²)	ÁREA TOTAL (m ²)
Bicicletário	1	120	120
Bistrô	1	200	200
Cyber-Café	1	120	120
Depósito	1	80	80
Banheiro	2	35	70
Espaço <i>Fitness</i>	1	200	200
TOTAL			790 m²

Quadro 06 – PRÉ-DIMENSIONAMENTO DO SETOR DE COMÉRCIO E SERVIÇOS
FONTE: O AUTOR (2017).

5.2.4 Pré-Dimensionamento Geral

REPRESENTATIVIDADE DOS SETORES

■ Moradia ■ Cultural ■ Comércio e Serviços

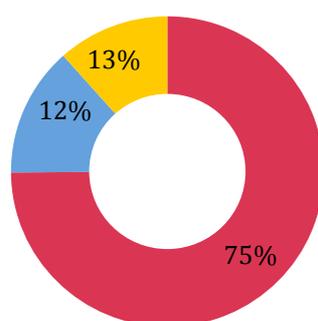


Gráfico 01 – PORCENTAGEM DE REPRESENTATIVIDADE DOS SETORES
FONTE: O AUTOR (2017).

PRÉ-DIMENSIONAMENTO	
SETOR	ÁREA TOTAL (m ²)
Moradia	5.180 m ²
Cultural	990 m ²
Comércio e Serviços	790 m ²
TOTAL	6.960 m²
TOTAL + 30% (paredes e circulações)	9.048 m²

Quadro 07 – PRÉ-DIMENSIONAMENTO GERAL DO PROJETO
FONTE: O AUTOR (2017).

6 PROPOSTA PROJETOAL

Ao andar pelas ruas do bairro Rebouças tem-se a sensação de percorrer longos corredores ao lado dos carros. Isso porque a maioria dos lotes presentes nos limites do bairro estão cercados por altos muros e barracões. A exemplo disso, o terreno escolhido para a implantação do projeto está, atualmente, completamente

murado e, por se tratar de uma quadra inteira, os muros passam a criar barreiras visuais muito agressivas aos que transitam na área, provocando um sentimento de sufocamento e insegurança. Essa atmosfera negativa provocada, por sua vez, impede que o público queira permanecer na região ou transite de forma tranquila, sendo observado, portanto, um número muito pequeno de pessoas transitando nas calçadas., mesmo durante o final de semana.

Para minimizar os efeitos causados pelo fechamento das quadras, entende-se ser necessário a doação de espaços livres à cidade, através da criação de um projeto que vise articular espaços privados e públicos, a fim de criar um ponto de encontro na região, a qual tanto carece de áreas verdes e espaços de convivência. Tendo isso em mente, decidiu-se por agregar espaços de cultura e lazer, e espaços comerciais ao programa principal de moradia, que possam tornar a área muito mais atrativa e convidativa.

É necessário encontrar o equilíbrio certo entre o controle da experiência espacial e uma liberdade para permitir que as coisas aconteçam. (ÁLVARO SIZA)

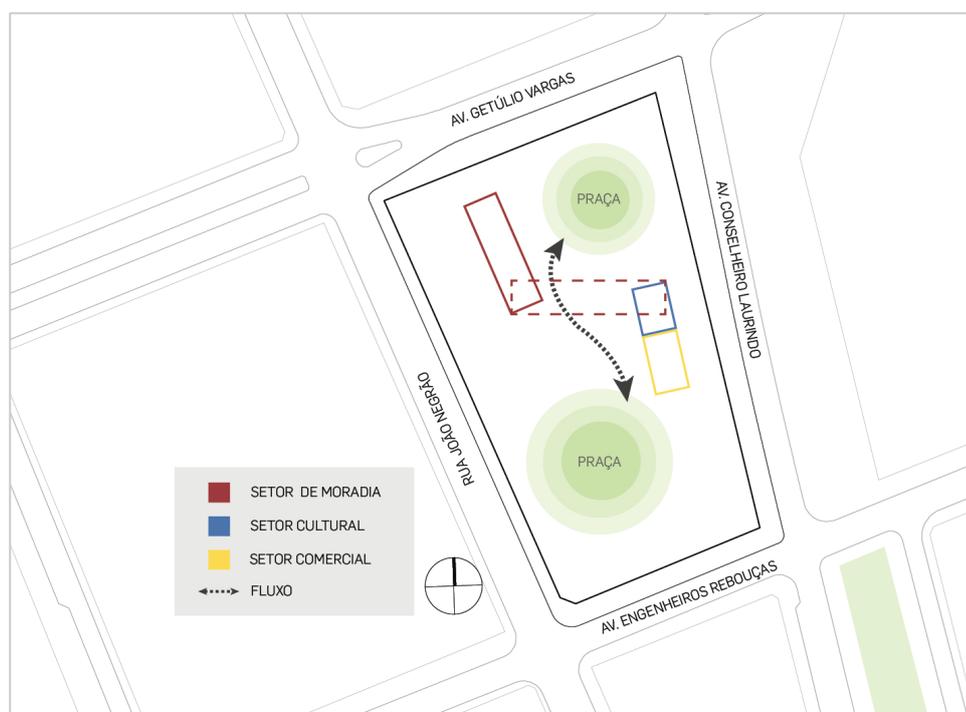


Figura 120 – ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DOS SETORES
FONTE: O AUTOR (2017).

Com o intuito de aproximar o edifício à escala do pedestre, idealiza-se uma implantação muito mais horizontal, do que vertical, com fachadas permeáveis, que permitam um fluxo natural sem grandes obstáculos. É previsto, também, praças que se mesquem com o edificado e corroborem o caráter público do projeto.

Entende-se, porém, que deva existir uma separação, mesmo que sutil, entre o que é considerado público e o que é privado. Neste caso, os setores cultural e de comércio e serviços poderão ter acesso livre do público, enquanto o setor de moradia deverá ter o acesso restrito aos moradores. Mesmo assim, busca-se uma implantação (respeitando os parâmetros estabelecidos pela guia amarela) que permita a união dos três setores propostos, com a finalidade de criar certa unidade e estabelecer o edifício enquanto um marco na região, e não apenas como volumes dispostos soltos em um terreno.

A moradia e centro universitário proposto deve ser visto como espaço articulador de relações, uma vez que induz a convivência entre os moradores e neles faz surgir um sentimento de pertencimento, análogo ao que se constrói dentro da convivência em família. Porém, este tema não deve ser entendido apenas segundo seu caráter de moradia, pois explora outros usos fazendo com que exista vida tanto interna quanto externamente ao edifício. Portanto, o edifício aliado à suas áreas externas imediatas, devem se comportar como dois organismos em perfeita simbiose em uma relação de dependência.

Atendendo as premissas supracitadas, elaborou-se um Organograma a fim de entender as relações entre ambiente e setores:

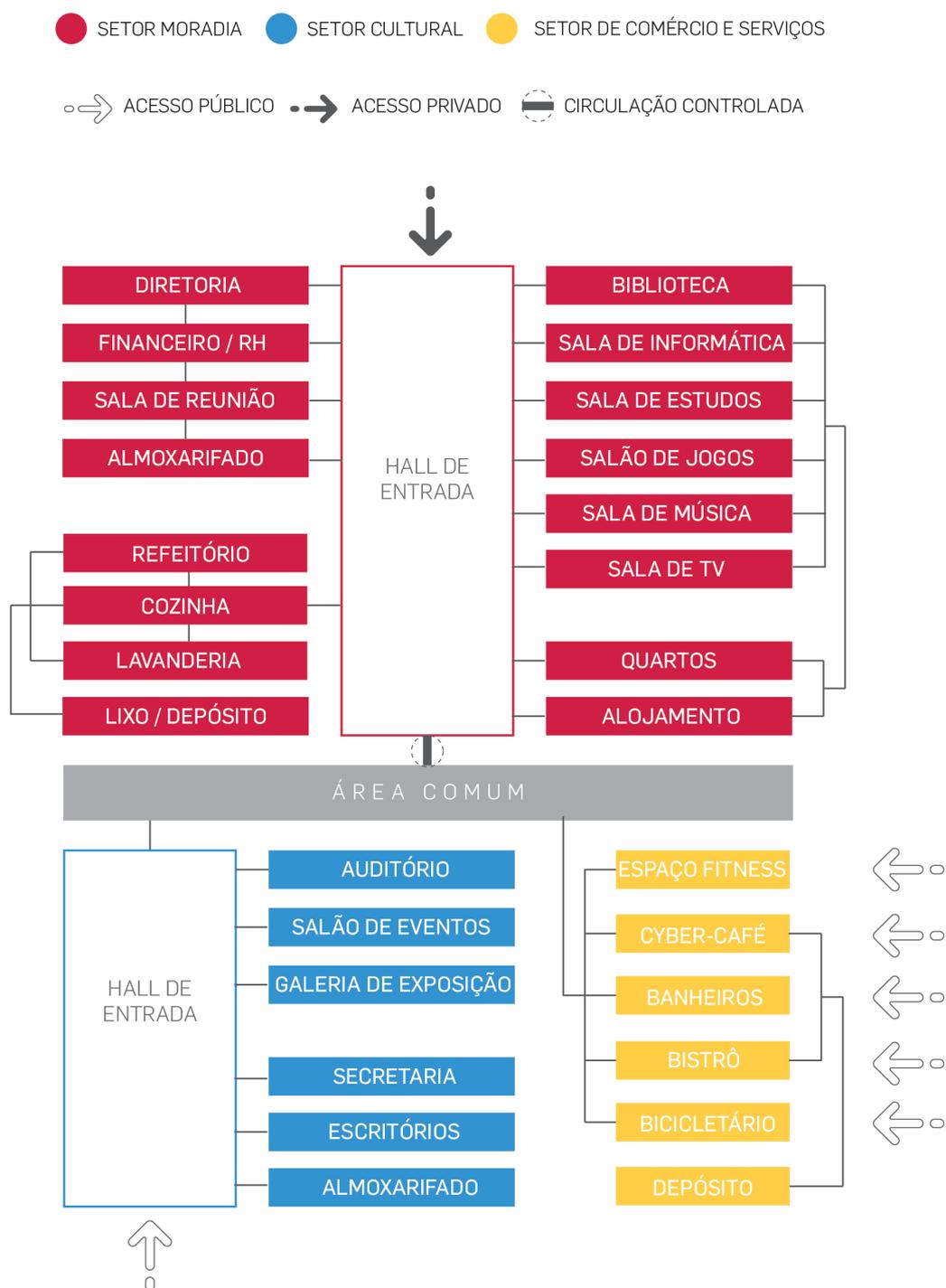


Figura 121 – ORGANOGRAMA
FONTE: O AUTOR (2017).

7 REFERÊNCIAS

ADELYN PEREZ. Archdaily. **Simmons Hall at MIT/Steven Holl**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/65172/simmons-hall-at-mit-steven-holl>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

ARCHDAILY. **AD classics: MIT Baker House dormitory/Alvar Aalto**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/61752/ad-classics-mit-baker-house-dormitory-alvar-aalto>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

ARCHDAILY. **Tietgen dormitory/Lundgaard & Tranberg architects**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/474237/tietgen-dormitory-lundgaard-and-tranberg-architects>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

ARCHITIZER. **MIT Simmons Hall**. Disponível em: <<https://architizer.com/projects/mit-simmons-hall/>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

CAPOVILLA, S. L.; SANTOS, A. A. A. Avaliação da influência de atividades extramuros no desenvolvimento pessoal de universitários. **Psico-USF**, São Paulo, 6, 49-58, 2001.

CASIOPEA. **Baker House**. Disponível em: <http://wiki.ead.pucv.cl/index.php/Baker_House,_Massachusetts,_Estados_Unidos>. Acesso em: 29 abr. 2017.

CASTELNOU, A. **Moradias universitárias**. Curitiba: Apresentação em PowerPoint, Teoria do Projeto, Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, 2005.

CELU. **Sobre**. Disponível em: <<http://www.celu.com.br/cpia-de-sobre>>. Acesso em: 23 mai. 2017.

CENIBRAC. **História**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/cenibrac/about/>>. Acesso em: 24 mai. 2017.

CEUCPR. **História**. Disponível em: <<http://ceucpr.blogspot.com.br/p/historia.html>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

CEUPR. **História da CEU**. Disponível em: <<http://www.ceupr.com.br/2009/07/historia-da-ceu.html>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

COLIN, S. Coisas da arquitetura. **Racionalismo e arquitetura**. Disponível em: <<https://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/06/09/racionalismo-e-arquitetura/>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

CUNHA, L. A. FGV CPDOC. **Casa do estudante do Brasil**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/casa-do-estudante-do-brasil>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

DURATHERM. Case studies. **Baker House, MIT**. Disponível em: <<http://www.durathermwindow.com/casestudy/43/baker-house,-mit>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

GANNON, T.; DENISON, M. **Steven Holl**: Simmons Hall. MIT Undergraduate Residence. 1. ed. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2004.

GARRIDO, E. N.; MERCURI, E. N. G. S. A moradia universitária como tema da produção científica. **Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, 1, 87-95, Janeiro/Junho 2013.

IAN MUTULI. Archute. **MIT Simmons Hall: Steven Holl's sea sponge in MIT**. Disponível em: <<http://www.archute.com/2016/01/15/mit-simmons-hall-steven-holls-sea-sponge-in-mit/>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

IPARDES. **Caderno estatístico município de Curitiba**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=80000>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

IPPUC. **Nosso bairro/Rebouças**. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/08-Rebouças.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

JORNAL COMUNICAÇÃO - UFPR. **Cenibrac preserva cultura japonesa entre seus moradores**. Disponível em: <<http://www.jornalcomunicacao.ufpr.br/jornal/?p=25170>>. Acesso em: 24 mai. 2017.

KLEON, A. **Roube como um artista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

KUH, G. The other curriculum: out-of-class experiences associated with student learning and personal development. **The Journal of Higher Education**, Ohio, 66, 123-155, 1995.

LAC. **História**. Disponível em: <<https://lardaacademicadecuritiba.wordpress.com/historia>>. Acesso em: 23 mai. 2013.

LEIS MUNICIPAIS. **Decreto Nº 183, de 03 de Abril de 2000**. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/decreto/2000/18/183/decreto-n-183-2000-regulamenta-o-art-34-e-seguintes-todos-componentes-do-capitulo-iv-da-classificacao-dos-usos-da-lei-n-9800-00-define-relaciona-os-usos-do-solo-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

MARTINS, A. P. V. Um lar em terra estranha: a aventura da individualização feminina. A Casa da estudante Universitária de Curitiba nas década de 50 e 60. 175 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 1992.

MEDRANO, L. Habitação coletiva, verticalidade e cidade. Modernidade sem estilo. **Arquitetura Revista**, 1, 2, Julho/ Dezembro 2015.

MICHAELIS. **Português**. Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=criação>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

NEUFERT, E. **Neufert**: a arte de projetar arquitetura. 18. ed. São Paulo: G. Gili, Ltda, 2017.

NIPPO BRASÍLIA. **Casa do Estudante Nipo-Brasileira de Curitiba**. Disponível em: <<http://nippobrasilia.com.br/entidades/entidades-br/casa-do-estudante-nipo-brasileira-de-curitiba-cenibrac/>>. Acesso em: 24 mai. 2017.

NUCCI, J. C.; VALASKI, S. Classificação e avaliação da paisagem do bairro Rebouças, Curitiba-PR: subsídios ao planejamento da paisagem. **Ateliê Geográfico**. 8, 1, 181-199, Abril/2014.

OLSEN, M. **Dorms disclosed: TietgenKollegiet**. Disponível em:

<<https://uniavisen.dk/en/dorms-disclosed-tietgenkollegiet/>>. Acesso em: 02 mai.2017.

PASCARELLA, E.; TEREZINI, P. **How college affects students**: A third decade of research. 2. ed. São Francisco: Jossey Bass, 2005.

PINTO, G. A.; BUFFA, E. **Arquitetura e educação**: câmpus universitários brasileiros. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

POLLACK, J. E. Architecture Week. **A modern more or less humane**. Disponível em: <http://www.architectureweek.com/2006/0201/culture_1-2.html>. Acesso em: 29 abr. 2017.

RASHDALL, H. **The unisersities of Europe in the middle ages**. Londres: Oxford University Press, 1958.

SENCE. **Sobre a SENCE**. Disponível em:

<<http://sencebrasil.blogspot.com.br/p/sobre-sence.html>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

SIMMONS HALL. **About**. Disponível em: <<https://simmons.mit.edu/about.html>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

SOUSA, L. M.; SOUSA, S. M. G. Significados e sentidos das casas estudantis e a dialética inclusão-exclusão. **Psicologia ciência e profissão**, 1, 29, 4-7, 2009.

SOUSA, R. G. Mundo Educação. **Jesuítas**. Disponível em:

<<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiado brasil/jesuitas.htm>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

STEVEN HOLL ARCHITECTS. Steven Holl. **Simmons Hall, Massachusetts Institute Of Technology (MIT)**. Disponível em:

<<http://www.stevenholl.com/projects/mit-simmons-hall>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

TIETGENLKOLLEGIET. **The building & the visions behind**. Disponível em: <<http://tietgenkollegiet.dk/en/the-building/>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

TURLEY, R. N.; WODTKE, G. College Residence and Academic Performance: Who Benefits From Living on Campus? **Urban Education**, Califórnia, 45, 2010.

TWISTED SIFTER. **The world's coolest university dorm**. Disponível em: <<http://twistedgifter.com/2012/07/worlds-coolest-university-dorm-tietgenkollegiet-circular-interior-courtyard-residence/>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

ULLMANN, R. A. **A universidade medieval**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP). **Moradia estudantil**. Disponível em: <<http://www.ufop.br/moradia-estudantil#>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

ZUGMAN, D. **Casa do estudante universitário**. 61f. Trabalho final de graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Setor de Tecnologia, Universidade Positivo, 2012.